

MEU
CASO 
de
AMOR
com a
CEMIG

70 ANOS DE HISTÓRIAS

CEMIG 70
ANOS



Fotógrafo: Farley Silva Moreira
Caminho de acesso a CGH Centro-Oeste, Açucena.

ÍNDICE

- INTRODUÇÃO	05
- Aguinaldo e Aguinaldo Junio	09
- Daniel de Souza	15
- Danuza Silva	21
- Edilson Humberto	25
- Jenaína Aparecida	29
- Juliana Marques	35
- Leonardo Magalhães	39
- Luiz Henrique	45
- Marcelo Pereira	49
- Márcio Rosa	53
- Mário Henrique	57
- Níria Alves	61
- Paulo Augusto	67
- Rafael Carneiro	71
- Raquel Loures	77
- Ronaldo Assis	83
- Sérgio Costa	87
- Verônica Cristina	93
- Walter de Assis	97
- EPÍLOGO	101



UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA POR GENTE

Reynaldo Passanezi Filho
Presidente da Cemig

A Cemig é um ícone da história de Minas e do próprio setor elétrico brasileiro. Temos muito orgulho de ser esse símbolo, especialmente no momento em que a empresa completa 70 anos e se prepara para os desafios das próximas décadas.

Todos nós fazemos parte da construção desse ícone, idealizado e lançado por Juscelino Kubitschek. Ele que foi um dos maiores responsáveis pelo desenvolvimento da economia de Minas.

Com JK, começamos a realizar os nossos sonhos.

Nós fomos, por exemplo, indutores do desenvolvimento com a construção da Usina de Três Marias, a segunda maior hidrelétrica do mundo quando foi inaugurada.

O mesmo podemos dizer em relação ao programa Luz para Todos. Hoje, temos mais de 500 mil quilômetros de rede, a maior do país em extensão.

Temos, na Cemig, o compromisso histórico de seguirmos como protagonistas desse legado e de continuarmos a ser fundamentais na vida de todos os que necessitam de energia para realizar os seus sonhos.

Queremos, por pelo menos mais 70 anos, replicar nosso propósito de transformar a vida dos mineiros e das empresas mineiras com a nossa energia. E temos atuado com determinação nesse caminho.

Estamos, por exemplo, desburocratizando os processos e criando soluções digitais para simplificar o dia a dia dos consumidores. Isso faz parte do nosso programa de omnicanalidade, que prevê a integração de todos os canais de contato disponíveis, de modo inter-relacionado.

Queremos também beneficiar aqueles produtores rurais que almejam instalar seus pivôs de irrigação ou cultivar seu café e ter sua secadora própria ou, ainda, produzir um leite de alta qualidade e poder refrigerá-lo adequadamente.

Assim como queremos contribuir para a prosperidade daquelas indústrias que desejam ter energia de qualidade, com a frequência adequada, sem variabilidade e sem necessidade de manter um gerador a óleo diesel.

Estamos inaugurando 200 novas subestações de energia. E queremos que tudo seja feito de forma renovável, contribuindo para a preservação do ambiente. Atualmente, 100% da energia da Cemig é de origem renovável, incluindo as matrizes solar e eólica.

Enfim, não nos basta ser, sozinhos, indutores do desenvolvimento de Minas. Queremos todas as pessoas participando da lapidação desse sonho coletivo.

E não podemos nos referir aos sonhos sem tecer as homenagens aos maiores personagens de nosso passado, nosso presente e nosso futuro.

Queremos valorizar o aspecto mais valioso dessa história ao narrar um pouco das trajetórias de vida e das carreiras de nossos empregados, entremeados de fatos pitorescos e casos do dia a dia de trabalho de todos nós.

Temos, nesta publicação, desde narrativas que ocorreram sete décadas atrás até outras que foram registradas há menos de um ano. Afinal, temos plena consciência de que as diversas gerações dos nossos empregados foram, são e serão as maiores construtoras desses sonhos.

São histórias até então anônimas e desconhecidas vividas por todos nós, que temos orgulho de servir ao cliente e à sociedade, conscientes do valor da inovação e do fazer diferente a cada dia, com empenho, determinação, alegria e compromisso com os resultados.

Este livro faz parte, portanto, do reconhecimento que temos sobre o papel da grande Família Cemig na construção dessa trajetória de 70 anos.

Uma história construída por gente.

Pela nossa gente.



DE PAI PARA FILHO... E PARA NETO!

Aguinaldo Lopes Martins e Aguinaldo Junio Lopes
há 30 e há 3 anos na Cemig

A cerimônia estava toda preparada e seria naquele domingo na Igreja do bairro. Depois, o churrasco, já marcado na casa da sogra. A família estava em festa, com parentes e convidados começando a chegar para o batizado de João, cujo pai e avô trabalhavam na mesma empresa, a Cemig.

A cerimônia acontecia como prevista, até que um celular tocou. O avô, Aguinaldo Lopes, logo imaginou que poderia ser o telefone para chamadas de sobreaviso do pai da criança, seu filho e electricista de linha de distribuição da companhia em Governador Valadares.

Ao atender, Aguinaldo Junio constatou que estava mesmo sendo chamado para um acionamento de emergência, referente a uma falta de energia que estava afetando uma cidade inteira na região sob a responsabilidade da sua equipe – o município era Conceição do Mato Dentro, a 236 quilômetros dali.

Cientes da importância e da urgência, ele e seu pai não tiveram dúvidas. O avô do pequenino João e os familiares ficaram por conta de recepcionar os convidados, enquanto a caminhonete da Cemig parava na porta da igreja para buscar o empregado.

Meu filho só teve tempo de passar em casa, colocar o uniforme, pegar os equipamentos de proteção individual e seguir viagem. Enquanto a gente ia para o churrasco, ele encarou a estrada. Tínhamos esperança de que o problema fosse logo resolvido, mas como ele certamente iria para uma área rural, sabíamos que não haveria retorno rápido.

A festa acabou; veio a noite e, com ela, a apreensão, especialmente da mãe. Mas tínhamos certeza de que ele já era um profissional bem treinado e bem preparado para aquele tipo de ocorrência.



Apesar de não trabalhar na mesma área do filho, Aguinaldo Lopes pôde recorrer a um painel de bordo instalado no seu celular, que indicava todas as regiões do estado com falta de energia. Assim, logo que ela fosse religada em Conceição, ele ficaria sabendo. Com isso, acalmou a esposa, já durante a madrugada.

Por volta das seis da manhã de segunda-feira, o equipamento indicou o fim do problema. E, logo depois, quando o filho chegou numa área com cobertura de sinal, ele ligou.

Para nós, foi como se a festa do batizado tivesse continuado, ao saber que estava tudo bem encaminhado e que nosso filho iria descansar antes do retorno para casa.

Essa é uma história que marcou muito as nossas vidas, do lado pessoal e profissional. Por um lado, a festa ficou comprometida, mas nós dois tínhamos plena convicção de que ele fora destacado para a missão muito nobre de restabelecer a energia não para 10 ou 100 pessoas, mas para milhares de moradores de uma cidade inteira, com hospitais, gente doente e tudo o mais.

Ficamos orgulhosos da tarefa bem executada e bem cumprida, e também de ver nele o reflexo dos valores da empresa: nós da Cemig nos preocupamos com nossos clientes!

CARREIRAS PROMISSORAS NA EMPRESA

Na prática, a Cemig entrou para a vida da família algumas décadas antes do episódio narrado por Aguinaldo Lopes. Ainda menino, ele levava uma vida simples, engraxando sapatos e vendendo picolés e chup-chup nas ruas de Governador Valadares, onde observava as caminhonetes da empresa circulando de um lado para o outro, com o pessoal usando capacete e fazendo muitos serviços. Ele achava aquilo inspirador e tinha noção de que a empresa “era mesmo muito grande”.

Aos 16 anos, tudo começou a mudar para ele, quando passou num concurso da Cemig e foi ser aprendiz de eletricista na escolinha de Sete Lagoas, como era o sonho de muitos adolescentes da sua cidade. Foi contratado e se tornou eletricista montador; depois, fez curso técnico de mecânica e também de eletrotécnica. E confessa que nunca mais parou de estudar.

Em 2004, formou-se em engenharia elétrica e, quatro anos depois, passou em concurso interno e foi atuar como coordenador na implantação de subestações e linhas de transmissão no Triângulo Mineiro. Passou por outras regiões e, atualmente, é gerente de manutenção e implantação de novas áreas de transmissão de toda a Região Metropolitana de BH.

No meio desse percurso, em 2019, o filho Aguinaldo Junio, aos 21 anos, também passou no concurso da empresa, indo seguir a carreira – e o mesmo sonho – do seu pai. Ele faz parte das novas gerações da empresa, está se formando em Engenharia de Produção e pretende obter também o título de engenheiro eletricista, abrindo novas perspectivas para sua carreira.

Atualmente, trabalha como técnico de manutenção de eletromecânica de subestações em Montes Claros, no Norte de Minas.

UMA HISTÓRIA QUE SE REPETE

Desde os tempos de criança, Aguinaldo Junio já tinha plena noção da profissão do pai. Assim como ele, seu filho, hoje com três anos, também já entende e admira o trabalho do pai. E os três são protagonistas de histórias com enredos semelhantes, como conta Aguinaldo Junio:

Desde que nasci, em 1998, a Cemig sempre esteve muito presente em minha vida, pois meu pai já trabalhava na empresa há seis anos. Quando era criança, já sabia que suas tarefas eram relacionadas à energia.

Aos poucos, fui entendendo e admirando a profissão dele e sempre gostei de vestir a camisa de trabalho dele... Quando tinha uns sete anos, houve um evento sobre profissões na minha escola, em Governador Valadares.

Uns colegas foram vestidos de bombeiros, outros, de policial. Eu fui com o uniforme da Cemig, feito para o meu tamanho, com direito a um pequeno capacete amarelo e tudo o mais! E fiz muito sucesso, pois estava vestido de... meu pai! Na época, tiramos muitas fotos, e ele ficou com muito orgulho do filho.



E não é que a história se repete, 24 anos depois daquela apresentação na escola em Valadares?

No final do ano passado, o pequenino João Aguinaldo foi personagem de um vídeo caseiro gravado pela mãe, Mariane. Na cena, ele está com uma camisa muito grande, do uniforme de trabalho do pai, e conversa com ela:

- João, você está vestido de que?
- De papai...!
- E onde você trabalha?
- Na Cemig!
- E você está indo para onde, agora?
- Para a Cemig!
- Deixa eu ver seu uniforme... e o que é isso nos seus pés?
- É bota!
- Cadê seu crachá?
- Aqui!
- E seu capacete? Tem de ter segurança!
- Aqui no sofá...

Recentemente, a mãe fez uma festinha para o filho com tema e adereços sobre a empresa. Em 2023, a família faz a comemoração de quatro anos de João com direito a miniatura de linha de transmissão em cima do bolo e muitos balões verdes, amarelos e brancos, as cores da Cemig. E o aniversariante vai estar vestido com o uniformezinho da empresa, para alegria do pai, do avô e de toda a família...

PROTAGONISTA DE ALTA PERFORMANCE

Indagado sobre os pilares da Identidade Cultural da Cemig com os quais se identifica, Aguinaldo Lopes afirma que, de alguma forma, quase todos eles estiveram presentes em sua carreira. Mas um deles, em especial, o acompanha desde os tempos de aprendiz.

Desde aquela época, eu procurei me inspirar nos profissionais que se destacavam pelo protagonismo, sempre buscando a alta performance. Por isso mesmo, procurei sempre ser um deles.

E isso foi acontecendo em minhas diversas funções na empresa, nas quais pude ser referência, reconhecido por colegas, chefes e equipes de trabalho. Assim ocorreu quando fui eletricitista, técnico, depois engenheiro e, por fim, segui a carreira gerencial.

Creio que essa determinação me abriu portas para projetos pioneiros e para buscar sempre a excelência, o protagonismo e o foco nos resultados.





QUERO SER UM PATRULHEIRO ELÉTRICO E SALVAR VIDAS!

Daniel de Souza Ferreira
há 22 anos na Cemig

Há 22 anos, Daniel de Souza Ferreira atua na área técnica da Cemig. Ele entrou na empresa como eletricista e, atualmente, trabalha como técnico de manutenção de subestação de distribuição na região que abrange de Ponte Nova a Congonhas, passando por Ouro Preto e Viçosa.

Seu trabalho de campo é muito elogiado, mas sua atuação vai muito além disso. Ele é reconhecido também como influencer, um influenciador cultural com presença marcante nos canais internos e nas redes sociais da Cemig e também como idealizador e coordenador de um projeto encampado pela empresa, voltado para estudantes carentes de diversas escolas públicas em todo o estado de Minas Gerais.

Quando eu era menino, via meus dois avôs trabalhando como eletricistas prediais. E tinha dois primos na mesma profissão e empregados da Cemig. Eu morava em Alvinópolis e tinha muita vontade de trabalhar também como eletricista.

Já adolescente, quando me preparava para o vestibular seriado de Veterinária na Universidade Federal de Viçosa, fiquei sabendo, por acaso, de um concurso para a área técnica da Cemig e não tive dúvidas. Meses depois, já aprovado e tendo passado pela ótima experiência do Senai, lá estava eu, contratado como eletricista na empresa!

Eu fui, cada vez mais, gostando da profissão. Em função disso, em determinado momento da carreira, resolvi desenvolver um projeto para mostrar esse gosto pela área para a meninada mais nova.

A ideia era também alertar os jovens sobre os perigos da eletricidade. Afinal, energia é algo que a gente não vê, não tem cor, nem dá pra sentir de longe... Mas todo curto-circuito pode ser fatal!

Daniel desenvolveu, então, o projeto “Leléu, o patrulheiro elétrico”, com maquetes e cenários para apresentações teatrais nas escolas. Além dos ensinamentos sobre a energia elétrica, o projeto tem também um enfoque voltado para a economia doméstica, com dicas para as famílias gastarem menos energia.

O enredo começa com um menino que, na escola, recebe orientações de como economizar energia. Ao chegar em casa, vai brincar de soltar pipa, mas escolhe, sem saber, um local proibido, onde ele sofre um acidente elétrico. Então, chega o pessoal da Cemig para prestar socorro. É também quando começa o lado lúdico da história representada nas salas de aula.

Um dos empregados tira sua roupa normal e se transforma no personagem, com um uniforme antichamas e equipamentos devidamente certificados para trabalhar com energia elétrica. Ou seja, diante da meninada, surge o... Patrulheiro Elétrico, o Leléu, que socorre o menino.

Os alunos vão recebendo as noções de segurança, vão aprendendo a importância dos equipamentos e, ao mesmo tempo, vão ficando encantados com o Leléu. Fica todo mundo muito envolvido com tudo!

Uma semana depois, eu combino com as professoras para pedirem aos estudantes uma redação para ser enviada a mim relatando o aprendizado e respondendo a uma pergunta: o que você gostaria de ser quando crescer?

E o retorno é maravilhoso... eles podem responder um monte de coisas, mas eu consigo despertar neles o mesmo sentimento que tinha quando era menino e queria ser eletricista. E muitos alunos escrevem algo que é fabuloso para mim:

- Eu quero ser um Patrulheiro Elétrico, pois ele salva vidas!!

Daniel teve a oportunidade de levar a iniciativa para muitas cidades e foi conhecendo

muita gente, desenvolvendo sua grande habilidade de fazer amizades. Logo que surgiu o WhatsApp, ele passou a utilizar a ferramenta com amigos e na empresa e se tornou também muito ativo nas redes sociais, com a abordagem de questões de trabalho.

Sim, fui me tornando uma pessoa muito influente no contexto da Cemig e hoje tenho a satisfação de representar os valores que ela tem, especialmente de respeito à vida e às pessoas. Com tudo isso, acho que cheguei ao ápice da minha carreira, apesar de não abandonar minhas funções básicas na área operacional.

ATUANDO PARA SUPERAR DIFICULDADES

Ao longo da carreira, Daniel teve chance de viver outras experiências marcantes, ainda que dramáticas, mas que demonstram o papel estratégico de uma empresa do porte da Cemig para a sociedade. Como essa relatada a seguir, que se tornou inesquecível para ele.

Num certo dia, durante um trabalho de campo, ele se deparou com uma cena que o fez frear repentinamente o carro no meio da estrada. Para seu espanto total, viu passar, a poucos metros dele, uma avalanche de um barro muito grosso, que vinha invadindo e varrendo todo o leito do Rio do Carmo.

Era o dia 5 de novembro de 2015, minutos depois de a Barragem do Fundão, em Mariana (MG), se romper.

A partir daquele momento, muitas equipes da Cemig começaram a trabalhar para ajudar a minimizar os problemas da população atingida e repor o acesso à energia o mais rápido possível. Eu trabalhava na região de Ponte Nova e Barra Longa, e tivemos muito trabalho pela frente.

Em determinado momento, eu mesmo fiquei agarrado naquela lama densa, quando precisei entrar no rio. Consegui sair com a ajuda de uma equipe de reportagem que também estava lá.

Foi algo muito marcante em minha carreira, mas tenho a certeza de que a Cemig fez o melhor trabalho possível, atuando para minimizar os problemas e superar as dificuldades mais imediatas das populações atingidas.

VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS E MELHOR DESEMPENHO

Com tantos relacionamentos – presenciais e virtuais – com os colegas de Cemig, Daniel vem estabelecendo, cada vez mais, uma grande rede de contatos na empresa. Muitas vezes, chega a dar conselhos e a trocar mensagens com outros empregados que só conhece pelas redes sociais.

Por isso, um dos fundamentos que ele coloca mais em evidência, ao refletir sobre a cultura da empresa, é a valorização das pessoas e do desempenho delas no trabalho.

A Cemig vem adotando novas tonalidades culturais, marcadas pela maior valorização das diversidades de gênero e dos diferentes grupos sociais. Temos visto, por exemplo, mais mulheres em um maior número de cargos, da base às lideranças. Em muitos eventos, há maior pluralidade de religiões nos cultos ecumênicos e, em geral, mais respeito às diferenças.

Tudo isso é muito importante, pois quando há maior respeito ao outro, os frutos aparecem, especialmente em termos de desempenho no trabalho. Não tenho dúvidas de que o outro é a nossa ponte para atingirmos melhores resultados!



Fotógrafo: Natal Eduardo Fabre Miguel
UHE Queimado



MINHA FILHA, NÓS, MULHERES, VAMOS DOMINAR O MUNDO!

Danuza Silva Macedo Torres

há 31 anos na Cemig

Eu tinha 17 anos quando uma amiga me chamou para fazermos o concurso da Cemig que, pela primeira vez, abria vagas para mulheres, em 1991. Dois irmãos dela eram eletricitistas da empresa e falavam que era muito bom trabalhar lá. Nós duas fizemos as provas, mas acabou que ela não passou, ao contrário de mim.

Fiz o curso de aprendiz e logo comecei a trabalhar como leiturista nas ruas de Montes Claros, onde também entregava as contas. Fui a primeira mulher a trabalhar na função. Era uma novidade na cidade, pois os demais 12 leituristas eram todos homens.

Eu me lembro muito bem de quando passava na casa de uma senhorinha... ela me chamava para entrar e tomar um cafezinho e ficava elogiando meu trabalho, dizendo:

- Nossa, uma mulher fazendo serviço de homem, hein? Sabia, minha filha, que você está muito certa? Porque nós, mulheres, vamos dominar o mundo, daqui a uns 20 anos!

Eu achava muita graça nela e adorava seus incentivos. E não é que hoje, 30 anos depois, as mulheres estão mesmo dominando o mundo!??

Danuza ficou cinco anos na função e, com o tempo, passou também a frequentar o escritório da agência de Montes Claros, fora do seu horário de trabalho, na parte da tarde. Ia por conta própria ajudar os colegas e, principalmente, aprender novas funções, pois queria progredir na carreira.



E não deu outra. Aos poucos, foi acompanhando o pessoal de outras áreas, como faturamento, arrecadação e atendimento. Logo, passou a cobrir as férias de alguns deles, até que surgiu uma vaga no escritório. Era a porta de entrada para uma nova fase da carreira, que Danuza não desperdiçou.

A partir daquele dia, atuou, então, por cerca de 10 anos no atendimento e, posteriormente, teve a oportunidade de se tornar supervisora de agências por 11 anos, coordenando as atividades das áreas em 77 municípios na região do Norte de Minas. Hoje, trabalha na área de faturamento.

ENCOMENDAS DE NATAL

O relacionamento com o público e o atendimento aos clientes acabaram gerando outras boas histórias na carreira de Danuza. Uma delas aconteceu numa véspera de Natal, quando faltou energia em um bairro da cidade, e ilustra bem o compromisso da empresa com os consumidores.

Uma senhora, que trabalhava em casa como confeitadeira, ligou para a Cemig muito aflita, dizendo que tinha uma série de bolos para terminar de fazer e não poderia atrasar nas entregas, em função das festas.

Eu fiz o atendimento e, imediatamente, entrei em contato com o serviço de campo, pedindo para priorizar, dentro do possível, o reestabelecimento da energia na região da cliente, em tempo hábil para ela terminar os bolos e fazer as entregas.

Não tive um retorno imediato sobre o pedido. No dia seguinte, para nossa surpresa, a confeitadeira chegou na agência com um delicioso bolo para nos dar de presente, em agradecimento à atenção que recebeu e à rapidez no atendimento...

Para mim, ficou o exemplo de uma das nossas marcas – a integração das atividades de diversas áreas internas da Cemig, que contribui muito para a rápida solução de problemas e, conseqüentemente, para a satisfação do cliente.

O CONSTANTE SENSO DE URGÊNCIA

Uma das razões que levaram Danuza a gostar muito da área de atendimento foi a falta de rotina do setor, que torna o dia a dia muito dinâmico. Por isso, um dos principais valores que aprendeu na Cemig foi o senso de urgência, que precisa ser constante no seu trabalho, ao lado da atenção a ser dada ao cliente.

Eu sempre ressaltai para a minha equipe que devemos, dentro do possível, resolver o problema ou sanar a dúvida do cliente logo no primeiro contato. E também saber falar um não quando for preciso, mas com o cuidado de dar sempre a devida explicação.

É o caso, por exemplo, de um consumidor que pede um parcelamento de débito acima do permitido pela legislação. Quando ele entende o porquê da negativa, acaba saindo satisfeito, mesmo não sendo atendido.

Na prática, nós somos, no atendimento, uma espécie de “caixinha de profissões”, pois atuamos como mediadores, como “advogados” junto à empresa e também como “psicólogos”, sempre dando muita atenção aos problemas do cliente...

E faço também uma ponte entre a qualidade do atendimento e a integração interna com responsabilidades, que é o caminho correto para se garantir o bom serviço ao cliente. Eu aprendi que o atendimento é a porta de entrada da reclamação, mas também do agradecimento e do reconhecimento pelo esforço do nosso trabalho.

Foi exatamente o que aconteceu no caso da confeitadeira, que chegou com uma reclamação e, no dia seguinte, voltou com um bolo de presente...





PIONEIRISMO E DESENVOLVIMENTO

Edilson Humberto Caliman
há 35 anos na Cemig

Edilson ingressou na Cemig em 1987, na função de auxiliar de laboratório. Logo no início da carreira teve a oportunidade de contribuir com um dos desafios mais nobres e pioneiros da empresa – desbravar algumas das regiões mais carentes de Minas e contribuir diretamente para o seu desenvolvimento.

Ele se recorda bem de uma frente de trabalho da qual participou no Vale do Jequitinhonha, em 1990, e também da calorosa receptividade que tiveram naquela empreitada, por parte dos moradores de uma comunidade que ainda vivia muito isolada.

Naquele ano, foram iniciados os serviços das obras da Barragem de Perenização de Calhauzinho, no município de Araçuaí. Nossa primeira tarefa foi começar a abertura de uma estrada de 17 quilômetros que serviria de acesso entre a cidade e o canteiro de obras.

O desafio inicial era chegar à comunidade rural de Baixa Quente. Na medida em que nos aproximávamos do lugarejo com as máquinas de terraplanagem, éramos muito bem recebidos pelos moradores. E, aos poucos, nossa presença passou a ser festejada.

Afinal, até aquele momento, só era possível enfrentar o percurso nas rudimentares trilhas, em jipes com tração ou no lombo de burros. Eram as únicas formas de levar ou trazer mantimentos e outras mercadorias da feira em Araçuaí.

Durante a abertura da estrada, todos os dias as pessoas da comunidade passaram a ir, de bicicleta ou em animais, até o trecho do canteiro onde eles estavam, levando café, suco e biscoitos que distribuía para todo o pessoal, incluindo os empregados da empresa Queiroz Galvão, que executou a obra.





E não me esqueço de uma cena: no dia que chegamos na entrada da comunidade tinha tanta gente que tivemos que parar o serviço e reunir com o povo, pedindo que ficassem longe das máquinas, que poderiam trazer riscos para eles.

Fomos, então, muito aplaudidos quando entramos no lugarejo! Estacionamos as máquinas no campinho de futebol e, a partir daí, ao longo de alguns dias, realizamos melhorias nas ruas e fizemos algumas represas nas roças mais próximas e ao longo da estrada.

Tudo isso representou uma emoção muito grande, ao sentir que realmente estávamos ajudando a levar o desenvolvimento para a região.

PAI E FILHO CONSTRUÍRAM CARREIRAS

Edilson não foi o primeiro da família a ter uma experiência em uma linha de frente em obras da Cemig. A partir da década de 1970, seu pai, Juvenal Caliman, trabalhou na construção de diversas usinas - Volta Grande, São Simão, Emborcação, Nova Ponte, Igarapava e Miranda. Atuou na função de fiscal de solos, acompanhando o lançamento de argila e enrocamento dos taludes, aposentando-se em 1995.

Com influência do pai, Edilson também construiu sua carreira na empresa, onde está há 35 anos. Começou a trabalhar no Laboratório de Concreto e Solos, e teve a oportunidade de aprender a confeccionar e instalar instrumentos de auscultação de barragens.

Ele relata que a Cemig havia trazido de Portugal profissionais especializados em instrumentação para atuar durante a construção de grandes usinas hidrelétricas. Com o tempo, a tecnologia dessa área foi crescendo a partir da necessidade dos projetistas em aferir e acompanhar as características das estruturas.

Como eu trabalhava no laboratório onde eram confeccionados os instrumentos, aprendi a construí-los e a instalá-los. Lembro-me bem do Senhor Florentino, técnico responsável pelos ensaios físicos do cimento.

Ele me falou que essa técnica de auscultação de barragens, realizada a partir da confecção artesanal dos instrumentos, não se aprendia em faculdade. E, se eu me esforçasse em aprender mais sobre instrumentos, me daria muito bem na Cemig.

E foi exatamente o que ocorreu, na medida que fui, na prática, adquirindo novos conhecimentos e me especializando. Com certeza fui o último a ter a oportunidade de aprender, na prática, a trabalhar com esse tipo de equipamento nas nossas barragens.

Hoje, estou lotado na Gerência de Segurança de Barragens e Manutenção Civil, responsável também pela coleta e análise de dados dos instrumentos.

'CRESCI E APRENDI MUITO NA CEMIG'

Para Edilson, o maior valor adquirido ao longo de sua carreira foi, realmente, o grande aprendizado que a empresa lhe proporcionou, especialmente a partir do contato direto com seus superiores e com especialistas. Ser uma empresa com negócios diferentes, porém afins e que precisam funcionar de forma sistêmica e integrada, é uma oportunidade sem igual para ampliar a visão e a capacidade de aprender coisas novas. Além disso, também significa troca, cooperação, ajuda mútua e corresponsabilidade.

Eu cresci e aprendi muito nesses anos todos. Para mim, a Cemig representa, antes de tudo, um grande aprendizado. Foram também muitas as oportunidades de compartilhar e cooperar com os colegas.





DO CHORO À EMOÇÃO PELA VITÓRIA

Jenaína Aparecida de Souza Magela
há 20 anos na Cemig

Quando a gente dedica toda uma carreira para uma empresa, como é o meu caso com a Cemig, onde estou há 20 anos, acaba vivendo momentos de muita emoção, tanto de alegrias marcantes como de algumas tristezas e comoção.

O relato é da engenheira de operação Jenaína Aparecida de Souza Magela. Em determinados momentos de sua carreira, ela participou de dois episódios importantes da história da Cemig, entre 2017 e 2022.

Ela ingressara na empresa em 2002 como aprendiz, passando a atuar em seguida como operadora na Usina Hidrelétrica Emborcação e, em 2006, na Usina Hidrelétrica Amador Aguiar I, onde se tornou técnica de operação em 2007, sendo depois transferida para o Centro de Operações da Cemig em Belo Horizonte.

O primeiro episódio muito marcante para ela ocorreu uma década depois, quando já atuava, desde 2015, como engenheira do Centro.

Esse caso ocorreu em 2017, quando a Cemig teve quatro de suas usinas hidrelétricas leiloadas – São Simão, Jaguará, Volta Grande e Miranda. Foi, para nós, um evento muito triste. Eu tinha ingressado na empresa com 17 anos, e algumas dessas usinas estavam na região em que trabalhava. Foi, realmente, como estar perdendo alguém da família...

Eu, particularmente, trabalhei no processo de entrega das usinas para os novos compradores, envolvida nas atividades de transferência das operações remotas das usinas. E não me esqueço do momento em que entrei na sala de operações com um dos novos agentes, representante dos novos controladores.

Eu, estava, literalmente, chorando por dentro, mas, obviamente, agindo com todo profissionalismo. No final, todo esse processo foi concluído, e seguimos em frente.

O CONTRASTE ENTRE DOIS LEILÕES

Jenaína estabelece um contraste desse momento com outro episódio mais recente, ocorrido em 2022, que gerou um sentimento oposto para ela – dessa vez, de muita alegria a emoção.

Anos depois, eu fui transferida para uma área que faz a prospecção de novos projetos, passando a trabalhar exatamente com um colega que atuou também no leilão das usinas.

E agora estávamos juntos, com uma grande equipe envolvida num outro grande projeto, cujo desfecho dependia novamente de um novo leilão...

Lembro-me que, naquele dia, estávamos diante de uma grande TV, na sala de um superintendente, já roendo as unhas, acompanhando tudo ao vivo, quando começou o pregão. Eram seis lotes a serem leiloados, e o que nos interessava era o primeiro...

Porém, para piorar ainda mais o clima de expectativa, o pregoeiro começou o leilão de trás para frente, a partir do sexto lote, de modo que o lote um ficou para o final.

Aos poucos, o processo foi ficando muito tenso e emocionante. Era, realmente, como se estivéssemos assistindo a um jogo de final de Copa do Mundo, cuja decisão tinha ido para os pênaltis! E o resultado só veio mesmo no finalzinho, quando ele anunciou o nosso deságio, confirmando nossa vitória! Todos nós vibramos muito naquela sala!!

O clima de grande conquista fazia mesmo muito sentido para Jenaína e toda a equipe. A Cemig tinha acabado de sair vencedora do Leilão de Transmissão 2/2022 da Aneel, referente à construção da linha de 230 KV, entre Governador Valadares (MG) e Verona (ES), com um deságio de 48% em relação ao valor de referência.

Aquela era a primeira vez, em 22 anos, que a Cemig saía vencedora em um leilão de transmissão da Aneel sem que a companhia fizesse parte um consórcio com outras empresas, colocando-a novamente na vanguarda do setor.

Se, no primeiro caso, a derrota foi como a morte de um parente para nós, agora estávamos felizes como se fosse o nascimento de um filho!

O ENGENHEIRO CONFEITEIRO

A engenheira, que hoje é gestora na Superintendência de Desenvolvimento de Projetos, recorda-se também de um caso pitoresco ocorrido ainda no início da carreira e que simboliza o espírito de coleguismo e de satisfação por trabalhar em equipe, muito marcantes em sua trajetória. O episódio ocorreu na fase de construção da Usina Hidrelétrica Amador Aguiar I, no Triângulo Mineiro, próximo à cidade de Araguari.

No auge da obra, nós tínhamos cerca de três mil pessoas trabalhando lá, ou seja, muita gente, oriunda de várias regiões do país e também do exterior. Nós, da Cemig, estávamos lá acompanhando o trabalho das empresas comissionadas e nos preparando para receber a usina.

Muitas vezes, nós virávamos a madrugada em serviço. Isso foi fazendo com que fôssemos, naturalmente, ficando amigos de muita gente. E havia um engenheiro argentino que cuidava do Sistema de Supervisão e Controle da Usina, funcionário de outra empresa, do qual fiquei muito amiga.

Certa vez, resolvi levar para ele um bolo de chocolate, para todos comerem no lanche. Eu mesma fiz o bolo, pois a graça era essa – levar algo bem caseiro.

Cheguei toda animada com a surpresa, mas tinha um detalhe: o bolo ficou com um visual horroroso, apesar de o sabor estar muito bom. Afinal, sou engenheira - e não confeitadeira! Mas acabou dando tudo certo. Todos nós saboreamos o bolo, e meu amigo argentino agradeceu muito.

Pois não é que, um tempo depois, chegou meu aniversário e ele levou de presente para mim não um, mas dois bolos!? E eles eram lindos... e muito bem confeitados. Então, pensei: uau, com certeza, ele comprou para mim!

Foi quando fiquei sabendo, para minha surpresa, que o engenheiro era também chef de cozinha e muito bom de confeitaria!

Lógico que fiquei toda envergonhada com a lembrança do meu bolo desmantelado, diante daqueles outros, maravilhosos! Mas tudo terminou em festa e com a gente achando muita graça nas histórias. O que valeu mesmo foi a confraternização e, mais do que isso, a certeza de que estávamos formando ali, naqueles tempos de construção, uma grande família!

VALORES APLICADOS NO DIA A DIA

Depois de duas décadas de trabalho, Jenaína avalia que, entre os diversos aprendizados obtidos na empresa, dois fazem parte de sua rotina de trabalho e da vida pessoal. Um deles tem a ver com o senso de urgência para estar sempre atento para servir o cliente.

Veja só, nossos parentes, nossos vizinhos e, muitas vezes, nossos amigos, são também clientes da Cemig. E sempre que alguém está precisando de alguma demanda relacionada à empresa, eu acabo tentando ajudar a resolver o problema, mesmo que ele não seja da minha área, pois sei que eles são clientes da Cemig. Essa urgência em resolver as questões fica muito clara para mim.

O outro valor que ela leva consigo está relacionado ao compromisso constante com a alta performance.

Nós aprendemos na empresa essa questão, que levamos para o nosso dia a dia. Somos treinados para desenvolver um protagonismo marcado pelo alto desempenho. Isso vale muito para as atividades de trabalho, mas acabamos trazendo também para a nossa vida pessoal, o que é muito bom.



Fotógrafo: Wellington de Almeida Neves
Manutenção no transformador de 500Kv na Subestação Itajubá



DA ERA ANALÓGICA À DIGITAL

Juliana Marques Moreira Garcia
há 29 anos na Cemig

Ela ia de porta em porta, fazendo a leitura dos medidores, com sol ou com chuva, com cachorro latindo e convite para um cafezinho. Foram cinco anos trabalhando em Corinto (MG); depois, de volta à terra Natal, em Curvelo (MG), ainda como leiturista. Até passar para a área de atendimento na agência, onde tinha contato direto com os clientes.

Muitos vinham da área rural trazendo o cartão de leitura dos medidores para ela simular o valor da fatura. Acabava ouvido muitas histórias, batendo papo e... tomando mais cafezinho.

Eu gostava muito desse contato direto com as pessoas, que queriam conversar e contar coisas da vida pessoal. Era muito bom poder olhar nos olhos delas. Isso, com certeza, fez diferença na minha vida... sabemos o valor do acolhimento e do contato humano.

Atualmente, ela trabalha com grandes clientes corporativos, como empresas do setor público, bancos e shopping centers. Atua no mercado livre de energia, com venda incentivada. Já passou pela comercialização, backoffice de operações, planejamento e gestão de negócios. Praticamente, todas as suas atividades são remotas e digitais.

Nessa área, a pressão por resultados é muito grande, devido à concorrência. Todos querem respostas ágeis e imediatas, com minucioso acompanhamento dos pedidos e das operações.



DUAS REALIDADES EM UMA SÓ EMPRESA

Pode não parecer, mas os dois cenários registram duas realidades de uma mesma empresa e foram vividos pela mesma profissional – Juliana Garcia. A diferença são os quase 30 anos que separam o contexto de um relato do contexto do outro...

Eu realmente posso dizer que passei por duas eras bastante distintas na Cemig. A primeira, totalmente analógica, nos meus anos iniciais de trabalho, logo depois que entrei como aprendiz de leiturista, em 1993.

A segunda era, que começou em 2009 e faz parte da minha rotina atual, é praticamente digital. Realmente, posso dizer que conheço duas companhias que seriam totalmente distintas se não fossem a mesma e com valores tão sólidos!

VALORES E AMORES

Juliana não tem dúvida em afirmar que o maior valor adquirido na vida profissional está diretamente relacionado a um dos itens da identidade cultural da Cemig: ter o foco no cliente.

Mesmo tendo vivido o contraste de duas épocas tão diferentes, sempre aprendi a dar valor a esse compromisso com os consumidores e a sociedade, pois isso impacta diretamente a otimização dos resultados.

Mas ela faz questão de narrar também uma outra “conquista” que teve na empresa...

Durante uma festa na casa de uns amigos da Cemig, eu conheci um rapaz, o Cássio, que estava com outros colegas. E não é que meus olhos brilharam desde o primeiro momento em que o vi...?

Na hora, percebi também que ele dançava muito bem. Me aproximei e começamos a conversar. E descobri que, além de dançar bem, ele sabia cozinhar também!

Aí, não deu outra: hoje, somos casados!!

COMPARTILHAR CONHECIMENTOS

Da experiência na Cemig, ela também destaca o ambiente de aprendizado constante.

Entre uma era e outra na empresa, Juliana viveu uma fase intermediária, que foi o período de implantação do processo de Certificação ISO 9001, relacionada à qualidade. Foi o momento, no país, quando todos os procedimentos internos de muitas empresas passaram a ter os seus passo-a-passos registrados e explicados nos manuais.

Nessa etapa, eu aprendi um dos valores essenciais de uma empresa como a Cemig, ou seja, compartilhar o que você sabe e aprende, para que todos passem a trabalhar com um mesmo padrão de qualidade. Foi um momento de grande profissionalização nas organizações.

O cliente logo percebe isso como um diferencial muito positivo. Até hoje, sou reconhecida pelos colegas como alguém que compartilha seus conhecimentos. E eu aprendi a fazer isso há muito tempo, por necessidade.

No meio de sua trajetória, Juliana estudou Administração de Empresas, o que ajudou a impulsionar a carreira. Formou-se também em Direito e ressalta que sempre encontrou, no ambiente de trabalho, pessoas que a incentivaram “a correr atrás” dos seus sonhos. Hoje, ela atua na Gerência de Gestão e Marketing da área de comercialização e vem, longo de sua trajetória, tendo a oportunidade de se realizar na profissão e contribuir para o crescimento da empresa.





TRABALHEI EM DIVERSAS 'CEMIGS'

Leonardo George de Magalhães
há 36 anos na Cemig

Ele estava de malas prontas. Na bagagem, a bandeira da Cemig, que já tinha destino certo. Seria hasteada, dali a alguns dias, em um momento de confraternização, na entrada de um imponente e histórico prédio, localizado em dos mais conhecidos endereços do mundo, na Wall Street, 11, no sul de Manhattan, em Nova York. Ali funciona, há séculos, a bolsa de valores mais famosa do mundo: a New York Stock Exchange (NYSE).

Leonardo era analista contábil da Cemig e, havia alguns anos, participava da preparação daquela operação, que seria um grande marco para a empresa: o lançamento das ações da companhia, as chamadas ADRs (American Depositary Receipts) na Bolsa de Valores de Nova York.

Como só iria embarcar no final da tarde, ele ainda foi trabalhar naquela terça-feira, na sede em Belo Horizonte. Ainda pela manhã, no entanto, Leonardo descobriu, de súbito – e para seu enorme espanto –, que aquela viagem para Nova York não aconteceria.

Era o dia 11 de setembro de 2001. Naquele momento, ele e o resto do mundo passaram a acompanhar ao vivo, estarecidos, o maior ataque terrorista já registrado nos EUA, que deixou 2.996 mortos em função da derrubada das Torres Gêmeas do World Trade Center (WTC).

Evidente que nada do que estava planejado iria mais acontecer, como as reuniões com investidores, as entrevistas à imprensa nos EUA e, muito menos, a visita que faríamos ao escritório americano que atendia a Cemig no processo de lançamento das ações – até então localizado no WTC.

Leonardo, ainda assustado, foi almoçar em casa. Tirou a bandeira da mala e a levou de volta para a empresa à tarde, sempre pensando que, por um dia de diferença, poderia estar lá...

Mas, apesar da tragédia, o caso terminou bem para a Cemig, que acabou iniciando as negociações das ações cerca de três meses depois, em 18 de novembro, mas sem festa, em respeito ao ocorrido.

UMA CARREIRA ACELERADA

A história acima, inesquecível, é apenas uma das lembranças que Leonardo guarda na memória em relação aos diversos momentos da carreira na empresa, iniciada em 1986, quando entrou para a Cemig, aos 18 anos, por meio de concurso para o cargo de auxiliar de escritório.

Atualmente, com mais de 36 anos de empresa, ele avalia que trabalhou “em diversas Cemigs” ao longo desse período. Quando entrou, a empresa tinha cerca de 20 mil empregados e era “basicamente primeirizada”, como diz, e muito voltada para a área de engenharia e construção de usinas.

Em 1995, Leonardo, que era auxiliar, passou para a área de contabilidade; logo depois, fez curso superior na área, indo atuar como contador e, a partir de 2004, como gerente. Sua carreira continuou acelerada. Três anos mais tarde, em 2007, chegava ao posto de superintendente da Controladoria. Atualmente, desde 2020, é diretor financeiro da empresa.

Depois daquela primeira fase, muito voltada para a construção de usina, vi pela frente uma “outra Cemig”, que se transformou no que podemos chamar de uma consolidadora de ativos, pois passou a adquirir ativos em diversos lugares do país, inclusive fora, como ocorreu no Chile.

Segundo Leonardo, uma nova fase viria na sequência, quando a empresa – e a economia como um todo – passou a enfrentar um forte momento de recessão, por volta de 2012. A companhia teve problemas de caixa e se viu obrigada a abrir mão de algumas usinas e de negócios que não deram o retorno esperado, reduzindo sua liquidez. Essa foi, recorda ele, “mais uma Cemig”, caracterizada por aquele momento adverso que perduraria até 2017.

Depois disso, a companhia entrou em fase de recuperação e de retorno a um ciclo virtuoso, caracterizando mais uma etapa de sua história, que é exatamente a atual, marcada por mais eficiência operacional e amplo reconhecimento, por parte do mercado, da sua eficiência – ou seja, “mais uma Cemig”, nas palavras do diretor.

Essa é a minha trajetória, na qual eu, realmente, convivi com diversas empresas em uma só. E pude, sempre, tirar lições e muitos ensinamentos, descobrindo, com o tempo, como a organização valoriza a meritocracia, sempre dando oportunidades os que entregam resultados e investem na aquisição de conhecimento e na melhoria profissional.

ESCREVENDO A HISTÓRIA

Para Leonardo, outra forte marca da empresa é a valorização do trabalho em equipe. Ele revela que aprendeu muito com os líderes nos quais se espelhou, portanto, acredita que também transmite muitos ensinamentos para os mais jovens. Esse comprometimento, explica, faz toda a diferença no processo de construção de uma empresa cada vez melhor para todos e para a sociedade.

Ao longo dos anos, pude construir relacionamentos sólidos, que ajudaram muito no meu processo de aprimoramento, sempre compartilhando com pessoas talentosas a construção da minha carreira. E aprendi também que ser humilde é fundamental na vida. Afinal, quem faz bem feito as coisas mais simples será convidado a enfrentar os desafios mais complexos.

Sem dúvida, um dos grandes ativos intangíveis da organização é essa qualificação do seu corpo técnico. E não foram poucos os que ajudaram a escrever os 70 anos da companhia e ainda contribuem para essa história.

Para ele, a Cemig já está encarando, atualmente, novos desafios, em função do mercado livre de energia, no qual os consumidores podem comprar energia de forma alternativa ao suprimento da concessionária local, em uma negociação direta com os agentes geradores e comercializadores.

Essa nova realidade vem ao encontro de nossas convicções: não podemos estar conformados nunca, achando que o jogo está ganho. É preciso buscar

sempre a inovação, pois o mundo está em constante evolução, e a companhia precisa estar em sintonia e evoluir também. Acredito que esse inconformismo é fundamental para crescermos sempre. Esse é um legado importante para as novas gerações.

O DESAFIO DE ESTAR ENTRE AS MELHORES

Um dos pilares culturais da Cemig mais valorizados por Leonardo está diretamente relacionado ao protagonismo com alta performance por parte da empresa.

Durante toda a minha carreira, jamais aceitei que o fato de sermos uma estatal pudesse ser utilizado como desculpa para se aceitar um desempenho pior do que o das empresas privadas do setor.

Ao longo de todos esses anos, considerei, como um desafio adicional, que teríamos de vencer sempre para estarmos entre as companhias mais eficientes.

Nesse contexto, sempre me preocupei em buscarmos, de forma contínua, a evolução dos nossos processos para termos alinhamento e convergência com as melhores práticas do setor elétrico e do ambiente corporativo do país.



Fotógrafo: Márcio Werneck
Inspeção na UHE Três Marias.



JUNTOS, EU E MEU PAI TEMOS EXATOS 70 ANOS DE CEMIG

Luiz Henrique Silva Duarte
há 36 anos na Cemig

No momento em que a Cemig completa 70 anos, eles representam um símbolo para a empresa. E não é para menos. Afinal, pai e filho acumulam, juntos, nada menos do que os mesmos 70 anos de história da companhia. No meio dessa trajetória, como numa longa corrida de obstáculos, Luiz, o pai, passou o bastão para Luiz, o filho...

O então jovem Luiz Ribeiro Duarte, hoje com 90 anos, entrou na Cemig quando ela foi inaugurada por Juscelino Kubitschek, em 1952, e foi se aposentar na década de 1980, quando o igualmente jovem Luiz Henrique Silva Duarte, ingressou na empresa, aos 18 anos.

Meu pai foi um pioneiro, contratado como eletricista, e sempre foi um trabalhador de chão de fábrica. Ele não concluiu os estudos quando criança, mas passou pela escolinha da Cemig, que ainda funcionava na Cidade Industrial, em BH. Ele foi um dos primeiros alunos de lá e teve aulas com os professores franceses, pois não existiam no país profissionais qualificados e em número suficiente para dar aulas.

Posso dizer que meu pai foi também protagonista daquele momento, quando JK estabeleceu que produzir energia seria fundamental para alavancar a economia de Minas como um todo. Ele trabalhou na construção da usina de Salto Grande e, depois, na de Camargos.

E viajava de caminhão... atravessava rios e carregava os instrumentos de trabalho nas costas. Mais tarde, construiu as primeiras subestações de diversas cidades. No final da carreira, aposentou-se como eletricista e encarregado de montagem.



Cresci ouvindo também as histórias que ele contava dos seus primeiros colegas de trabalho, muitos deles estrangeiros, vindo principalmente dos EUA e da Europa no período do pós-guerra. Tempos depois, ele ainda trocava cartas com italianos, russos, norte-americanos, alemães etc.

E eu realmente peguei o bastão, ainda que em condições muito mais favoráveis. Comecei como técnico de montagem, trabalhando em obras de subestações de transmissão e distribuição.

Ainda trabalhando como técnico, Luiz Henrique fez o curso de Engenharia Elétrica e, mesmo antes de se formar, passou a atuar como coordenador de equipes técnicas. Promovido a engenheiro por meio de concurso interno, no final de 1995, passou a ter muitas oportunidades, especialmente com atividades de normatização em nível nacional, e grandes experiências representando a Cemig em vários projetos e negócios, inclusive no exterior.

Na prática, ele foi se preparando para se tornar um gestor, pois logo se tornou uma referência na construção de novas soluções e na formação de profissionais. E não deu outra. Em 2010, Luiz foi selecionado para um programa de gestão sucessória de líderes. Por nove anos, atuou como gerente de Planejamento e Engenharia de Manutenção da Transmissão. Aposentou-se recentemente, como gerente de Engenharia de Expansão e Implantação da Geração e Transmissão.

Eu e meu pai, cada um a seu tempo, trabalhamos na expansão dos sistemas de geração, transmissão e distribuição de energia para todo o estado. Somando toda a nossa experiência, posso dizer, hoje, que cumprimos a nossa missão, sempre comprometidos com o crescimento da empresa e, em última instância, da economia de Minas Gerais. Ou seja, fomos, em 70 anos, de operário a gestor, passando por funções de gestão.

Na última década, eu tive muitos contatos com a alta direção e com o Conselho de Administração da empresa. Hoje, percebo o valor e a importância do papel de cada um – do eletricitista ao presidente!

GRANDES APRENDIZADOS

Luiz observa que levará consigo dois grandes aprendizados adquiridos na Cemig, agora que se aposentou para cuidar do pai, muito idoso.

O primeiro deles está relacionado diretamente à percepção que passou a ter enquanto servidor público. Para ele, atuar como servidor “é uma função muito nobre, na medida em que busca oferecer seus serviços da melhor maneira possível”.

Ao mesmo tempo, contribuir para a formação de novos profissionais para que possam vir a agir assim também. Mesmo fora da empresa, ele procura fazer o mesmo, especialmente desde que se tornou professor do curso de Engenharia da PUC Minas, há 20 anos.

O segundo aprendizado tem a ver com um dos grandes pilares da Cemig, do seu ponto de vista, que é a importância do trabalho em equipe.

A questão colaborativa é essencial na empresa. Aprendemos que agregar esforços e ter sinergias são princípios muito importantes, pois os resultados aparecem mais rapidamente quando fazemos assim.

Por isso, sempre falava para a minha equipe: trabalhar de forma unida é muito diferente de simplesmente trabalhar juntos. E repito uma frase que considero muito valiosa para todos nós, que acabamos formando uma grande família na empresa:

A união é, de fato, muito maior que a soma.





O VERDADEIRO 'ESPÍRITO CEMIGUEIRO'

Marcelo Pereira de Carvalho
há 35 anos na Cemig

Ele entrou para a Cemig aos 18 anos, em 1987, como aprendiz, na escola de Sete Lagoas. À época, foi influenciado por um cunhado que trabalhava na empresa e o incentivou a fazer o concurso.

Ainda adolescente, morando em Ladainhas (MG), eu tinha poucas oportunidades e perspectivas de trabalho. Ir para a Cemig era, realmente, uma espécie de sonho, que começou a se concretizar quando passei nas provas em Sete Lagoas.

Depois do estágio, fiz o curso para atuar como operador de subestação e, a partir daí, tive oportunidade de passar por diversas áreas e cargos. Participei de pelo menos da metade da história de 70 anos da Cemig, pois estou na empresa há 35 anos.

O que mais admiro aqui é o fato de poder trabalhar em diferentes empresas dentro da mesma organização, que se faz de maneira tão plural. Já passei pela Computação, pela Tecnologia da Informação, pelas Relações Institucionais, pela Engenharia de Manutenção, pela Contabilidade... e hoje estou na área de Finanças, como gerente de Negócios da Cemig PAR.

Nessas três décadas e meia de empresa, Marcelo presenciou, evidentemente, muitos dos avanços nos processos de inovação e tecnologia. Para ilustrar, narra um episódio ocorrido logo no início da carreira.

Ele foi enviado para o município de Itacarambi, no Norte de Minas, para conhecer as subestações da região, ganhar experiência e vivência de campo. E uma das primeiras tarefas foi uma ida à subestação de Mocambinho, que na época atendia o projeto Jaíba, para fazer uma manutenção.

Tudo era bem rústico na época, e não havia ninguém para operá-la, mas apenas um telecontrole para avisar, remotamente, qualquer tipo de problema ou ocorrência. Fui chamado pelo Firmino, um operador já bem experiente, para nos deslocarmos até lá.

Na hora, perguntei a ele qual o horário em que o carro nos pegaria... quando, para minha surpresa, ouvi a resposta:

- Não tem como ir de carro. Vamos pegar duas bicicletas aqui da subestação e também ligar para o barqueiro, pedindo para nos buscar na canoa, para atravessarmos o Rio São Francisco...

A canoa era mesmo muito pequena, e o rio bem largo naquele ponto, mas o barqueiro, muito hábil, navegava com uma tranquilidade assustadora. Ao chegar na outra margem, achei que já estaríamos pertinho da subestação... mas não!

Tínhamos de pedalar por uns dez quilômetros, numa estradinha de terra arenosa, na beira do rio. Era o verão de 1987, e estava fazendo 42°C no local!

Hoje, lembrando dessa história, fico pensando como tudo mudou! Agora, as subestações são todas tecnificadas, automatizadas e telecomandadas, sem necessidade de operadores.

Nada a ver com canoas e bicicletas... tudo muito diferente da realidade da Cemig hoje. Mas quando comecei a trabalhar, e como acontece até hoje, a gente não pensava duas vezes diante das tarefas. Se é para ser feito, vamos fazer!

'LAPIDADO NA CEMIG'

Hoje, posso também afirmar que essa pitoresca história, ocorrida no começo da carreira, mostra um pouco o que é o verdadeiro "espírito cemigueiro", ou seja, a cultura de atender sempre – e prontamente –, às demandas, para que o consumidor obtenha de nós, a todo tempo, o melhor serviço.

Essa é a energia que nos move e que me deixa tão orgulhoso de estar na empresa por mais de três décadas! E não tenho dúvidas de afirmar: eu fui lapidado na Cemig, meu primeiro e único emprego.





SUSTO NA MADRUGADA

Márcio Rosa da Silva
há 35 anos na Cemig

Márcio já trabalhou em vários setores da Cemig, onde entrou em 1987. Depois de fazer o curso de aprendiz, atuou como auxiliar técnico até 1994 e, em seguida, como analista de suporte. Teve oportunidade de visitar inúmeras localidades do estado e ver o quanto a evolução tecnológica da empresa facilitou a vida de muitas pessoas e encurtou distâncias.

Quando chegou à Gerência de Tecnologia da Informação (TI), área onde está atualmente, passou, muitas vezes, a trabalhar à noite, para deixar tudo bem instalado para o pessoal no dia seguinte. E foi exatamente quando passou por esse “perrengue”.

Vivíamos uma virada histórica, entre os anos de 1999 e 2000. A Cemig estava a pleno vapor para implantar um novo sistema interno, que transformaria a forma de trabalhar e fazer a gestão de muitos de seus processos. O projeto com o qual eu estava envolvido chamava-se Travessia, e com ele, sairíamos de uma rede centralizada, com terminais “burros” espalhados por todo o estado, para uma rede descentralizada e inteligente.

Para tanto, nossas equipes de Tecnologia da Informação (TI) tinham a missão de configurar os inúmeros computadores para acesso a essa nova plataforma. Em todos os cantos do estado, empregados se desdobravam para atender a tempo e a hora a essas demandas.

Lembro-me que tivemos atividades voltadas para ampliar o poder de ação e o fortalecimento das equipes de trabalho. Com esse espírito, eu e alguns colegas encaramos a nossa nova missão. Naquela época, já atuávamos na Região Metropolitana de Belo Horizonte, que contemplava bairros como Jatobá e Cidade Industrial, o município de Betim e a região do Anel Rodoviário.

Um dos casos aconteceu no almoxarifado principal da empresa, denominado





Centro de Distribuição de Materiais, que funcionava no Jatobá. Lá existiam inúmeros galpões, e nós transitávamos muito entre eles.

Certa vez, Márcio e os colegas de equipe ficaram trabalhando um dia inteiro e acabaram entrando pela madrugada para terminar tudo. Acontece que essa informação sobre a presença deles não foi passada durante o dia pelo pessoal da segurança, como deveria, para o vigilante da noite. Na prática, ele não sabia que havia uma equipe de TI atuando. Foi quando começou o problema...

Em uma das rondas, o vigilante deparou-se com uma pessoa com uma caixa no ombro passando de um galpão para o outro... Logo escutei o grito:

- “Você aí, alto lá! Não se mova! O que está fazendo aí?”

Com calma, muita calma, informei que era um empregado e que estava configurando a rede de computadores. Ele, sem entender bem o que se passava, queria mais detalhes. Chamei os colegas que estavam comigo e explicamos o que estávamos fazendo...

Tudo foi esclarecido, mas confesso que fiquei com muito medo da reação dele, quando me viu ao longe, caminhando com a caixa na penumbra. Vai saber o que pensou!

TRABALHO VOLUNTÁRIO E SOCIAL

Além da atuação profissional, Márcio realiza diversas atividades voluntárias em sua comunidade, em Mateus Leme (MG). Ele tem como lema o princípio de que “precisamos uns dos outros” e, por isso, é importante deixar em vida um legado de bondade. Alguns dos trabalhos sociais estão relacionados à pastoral da Paróquia Santo Antônio.

Ele atua também como padrinho de instituições no programa AI6% da Cemig, que visa beneficiar crianças e adolescentes por meio de recursos do Imposto de Renda (IR) devido pelos empregados e pela própria empresa.

Vejo nesses trabalhos uma possibilidade de realizar sonhos de muitos –dos pequenos aos grandes; dos novos aos idosos –, pois essas pessoas fazem parte do mundo em que vivo e, assim como eu, têm anseios e vontades. Tento

dedicar o máximo de tempo que tenho para dar a eles alento nas dificuldades e promover alegrias, sempre que possível.

Em Mateus Leme, essas entidades das quais sou padrinho atuam com crianças carentes, escolinha de música e com a Associação Arte, Cultura e Fantasia que, por meio de oficinas, procura transformar a vida dos adolescentes.

Ou seja, conseguimos realizar muitas ações maravilhosas para a vida das pessoas. Deixar esse legado por onde passamos é uma receita de bem-viver e realização!

EMPATIA PARA IR ALÉM

Em 35 anos de Cemig, Márcio aprendeu muitas lições e acumulou muitos aprendizados, adquiridos com pessoas que ele estima muito, como destaca. Atualmente, trabalha como analista de Tecnologia da gerência de TI. Ele faz um balanço muito positivo de sua trajetória.

Hoje, experimento uma revolução de muita coisa que um dia sonhamos e agora vemos que tudo é real, palpável e funcional. Para mim, isso se chama motivação pura!

Parte do estímulo que tenho vem de um valor adquirido no trabalho que pode ser definido como ‘empatia para ir além’. Durante minha jornada na empresa, e também fora dela, sempre pratiquei o exercício de me colocar no lugar do outro.

Dessa forma, nas diversas áreas em que trabalhei, conseguia entender a necessidade dos colegas e valorizar as atividades que eles executam. De maneira simples e ágil, é possível fazer a entrega, dando a importância necessária às solicitações.

Sem dúvida, esse é o melhor caminho: eu poder colaborar com o sucesso dos colegas da empresa e, evidentemente, buscar a minha própria realização!





UM PRESENTE PARA O ZÉ DO BODE

Mário Henrique Rodrigues
há 31 anos na Cemig

Mário tem uma turma de colegas de trabalho da Cemig que é muito amiga e não perde a oportunidade de se reunir para um bom churrasco nas inúmeras comemorações que estão sempre promovendo. O grupo é unido e muito brincalhão.

Um dos amigos, que se chama Salim, tem um apelido curioso que vem de uma história do passado. Dizem que, certa vez, ele estava tentando pegar um bode em uma estrada do interior, próxima de onde morava, mas o plano não funcionou.

No meio da empreitada, o dono do bicho apareceu de repente e colocou Salim para correr, usando como instrumento de convencimento uma velha espingarda... daí surgiu o apelido: Zé do Bode.

Sabendo do caso, Mário e os colegas resolveram, certa vez, fazer uma ‘homenagem’ ao aniversariante dono do apelido, numa festa que seria realizada na casa dele...

Ele nos convidou, e resolvemos então dar um presente surpresa. Acabou que a entrega da encomenda virou um caso muito engraçado entre nós. Era um “presente vivo”, que deixamos amarrado com uma corda longa perto da entrada da casa dele, no passeio.

Nós entramos dando os parabéns ao aniversariante, já fazendo algazarra e segurando a corda. Não sei se ele desconfiou na hora, mas entregamos a ponta para ele puxar...

O Salim foi puxando, puxando, até ele se deparar com o bode entrando na sala da sua casa, onde estavam muitos outros convidados que também não sabiam nada da história...



Quando a cena se consumou, no meio da festa, nós ficamos ouvindo o aniversariante proferindo palavras que não podem ser repetidas aqui... para completar, ver o espanto do restante dos convidados foi algo também impagável!!!

CARREIRA NA MANUTENÇÃO

Mário entrou para a Cemig em dezembro de 1991, como eletricista de manutenção em Belo Horizonte. Como seu pai havia trabalhado na empresa até se aposentar, teve a oportunidade de aprender muito com ex-colegas dele, que o acolheram com muita atenção.

Essa turma enriqueceu muito meu currículo profissional, e muitos se tornaram grandes amigos. Alguns anos mais tarde, em 1999, fui trabalhar em Uberlândia como responsável pelo projeto-piloto de descentralização das oficinas de manutenção em equipamentos, religadores e reguladores de tensão.

Pouco depois, retornei para a capital, para o Q14, na oficina de regulador de tensão, onde permaneci até 2015. Na sequência, fui transferido para o Anel Rodoviário, no setor de Infraestrutura de Subestações, onde estou atualmente como técnico de manutenção.

APRENDIZADOS E VALORES

Mário destaca que, ao longo da carreira, aprendeu a importância de reduzir o tempo de indisponibilidade dos equipamentos do sistema elétrico enviados para manutenção. Era preciso agir de forma eficaz, apesar da complexidade das intervenções nos equipamentos.

A agilidade nas manutenções contribui para uma qualidade maior na entrega do nosso produto para o nosso principal cliente, que é a sociedade mineira. Fazemos isso sempre trabalhando com ética e em conformidades com os procedimentos de segurança, zelando pelo bem-estar dos empregados envolvidos no processo.

Um dos valores que aprendi tem tudo a ver com o engajamento de estar sempre procurando alternativas de melhorias no processo para obter melhores resultados e alcançar as metas estabelecidas pela Cemig.

Para isso, precisamos estar, de forma responsável, sempre preocupados com a saúde e a segurança dos empregados próprios e dos contratados. Sem perder o foco em ações para mitigar danos ambientais nas nossas instalações.





UMA DAS ELETRICISTAS PIONEIRAS DA CEMIG

Níria Alves Duarte
há 31 anos na Cemig

Ela saiu cedo de casa, dirigindo o carro da Cemig, para fazer uma vistoria em uma obra que estava sendo executada por uma empresa contratada na região rural do município de Contagem.

Eu estava sozinha e, de repente, me vi meio perdida na estrada. Pedi ajuda a um senhor que passou de carro. Ele afirmou conhecer o local onde eu iria e falou para segui-lo. Passamos por uma porteira e entramos em uma área restrita.

De repente, a ficha caiu... e eu vi que estava no meio do nada com um estranho. Para meu espanto, ele parou e desceu do carro... com um facão, uma enxada e uma foice!

Pensei na hora: 'Jesus, morri!!'

Mas ele nem olhou para mim e foi abrindo caminho no mato, falando para continuar atrás dele e dizendo que o local procurado estava logo em frente...

Eu ainda estava em choque, e meu mundo rodava na minha cabeça. Não tinha como voltar para trás, nem gritar, nem voar...

E ele na frente, abrindo o mato... para relaxar, puxei conversa, perguntei se não havia outro caminho, pois estávamos entrando em uma área particular. Ele disse que o dono era amigo dele e, se eu fosse dar a volta, iria me perder ainda mais...

Naquele momento, o anjo da guarda dos eletricitários parou do meu lado e me deu forças! Continuamos a abrir o caminho e logo chegamos ao destino, onde havia mais gente...

Foi então que compreendi que meu 'guia' desejava, realmente, apenas me ajudar, ser útil e bater papo! Disse que ficou muito admirado com meu trabalho e queria até me vender uma fazenda ao lado... e me convidou para eu ir com minha família na casa dele, para comer jabuticaba...

Depois da vistoria, com dever cumprindo, voltamos pelo mesmo caminho...

TRAJETÓRIA DE UMA PIONEIRA

O caso acima – e o aperto passado pela Níria Alves Duarte – poderia ter ocorrido, como ela mesmo ressaltou, com um colega homem. Porém, ele se torna mais simbólico por ter acontecido exatamente com uma das primeiras mulheres a serem contratadas pela Cemig como eletricista, há mais de três décadas, em 1991.

Ainda adolescente, aos 17 anos, “e sem saber o que queria ser quando crescesse”, ela se matriculou no concurso público da Cemig aberto, pela primeira vez, para mulheres. Níria confessa que sua aprovação representou uma das maiores alegrias da sua vida e foi motivo de muito orgulho para os pais.

Logo que se apresentou na Univercemig, começou a perceber o ineditismo – e a novidade – da presença feminina. Ela teve que morar, durante as primeiras semanas de curso, em um hotel, pois a escola não estava preparada para receber mulheres. Mas, um mês depois, ela e uma colega, também pioneira na contratação de mulheres, estavam instaladas na Casa 10 da universidade.

E nós seríamos, ao final do curso, realmente as duas primeiras mulheres eletricistas da América Latina! À época, éramos alvo de olhares curiosos, comentários, fotos, muitos cuidados e atenção.

Confesso que, no início, bateu um certo receio e até espanto com as reações, já que estávamos em num local com a presença de mais de 99% de homens.

Os primeiros dias foram mesmo de desafios e competições, mas também de emoções e superação para todos nós, aprendizes de ambos os gêneros, pois tudo era novidade.

Aos poucos, fui também me adaptando a tudo, inclusive com os uniformes, capacetes e botinas. As aulas teóricas e práticas iam se intercalando, e eu comecei a descobrir os excelentes instrutores que tinha. E sentia que a preocupação deles com as pioneiras era grande, mas eram também muito rigorosos e não tinham nada de proteção.

O CURSO, O ESTÁGIO E O EMPREGO

A certa altura do curso, Níria já se sentia acolhida e muito à vontade. Passou inclusive a dar força para colegas que cogitavam desistir da formação. Ela percebeu que se tornava o elo principal da turma, unindo os colegas e ajudando a resolver eventuais desentendimentos. Até que veio o final do curso.

Eu fui aprovada e muito elogiada como aprendiz. Na hora das despedidas, foi uma choradeira geral, pois tinha colega de todo canto de Minas Gerais. Já em BH, iniciei o estágio de um ano, que era supervisionado pelos “cemigões” – a denominação dos empregados com grande experiência.

Ao final, fui admitida como eletricista da Cemig! Sabia que tudo tinha sido um grande desafio, o que foi confirmado pelos parabéns dos superiores e dos colegas.

Ao longo da carreira, ela teve oportunidade de trabalhar em diversas áreas e em diferentes projetos e funções, como em atividades de manutenção de redes, ligação e inspeção de unidades consumidoras, plantões e serviços emergenciais e processos de construção de redes subterrâneas, entre outras. Níria é muito conhecida na empresa e está completando 32 anos de casa.



Acho que mais da metade da Cemig me conhece, e fico muito feliz por isso. Sinto que minhas progressões de carreira e minhas conquistas comprovam que estou no caminho certo, comprometida com as diretrizes da empresa.

Mas nem tudo foram flores na profissão e, às vezes, tive vontade de chorar, pois fui também vítima de machismo. Porém, desistir, nunca!

UMA CARREIRA COM MUITOS REGISTROS NA MÍDIA

Níria tem razão em dizer que é muito conhecida na empresa – e não é para menos, ao se levar em conta as reportagens sobre ela, publicadas na imprensa, em jornais e revistas corporativas.

Ainda como estagiária, sua foto, trabalhando no alto de um poste, saiu na capa da revista IstoÉ Minas, quando ainda tinha 18 anos, em 1992. A reportagem versava sobre as mulheres mineiras que “iam à luta” e desbravavam o mercado de trabalho.

E não parou por aí. Sempre destacada por seu pioneirismo como uma mulher em cargo tradicionalmente masculino até então, Níria coleciona também muitos registros em publicações da própria Cemig e de outras entidades, como o jornal da Sociedade Mineira de Engenheiros (SME).

Em 1988, ela esteve na Bolívia, a convite de uma cooperativa rural de eletrificação, quando falou sobre seu trabalho e sua carreira, também com destaque na mídia. Em 2001, a imprensa registrou a homenagem recebida por ela na Câmara Municipal de Belo Horizonte, pelo Dia Internacional da Mulher.

ORGULHO DE FAZER PARTE DA HISTÓRIA

Atualmente, ela atua como supervisora de expansão de redes aéreas da distribuição e do processo de construção de redes e está à frente de um time de 22 pessoas. E não tem dúvidas sobre como definir o valor da empresa em que trabalha.

A Cemig é minha escola, minha mãe e a minha casa. Tenho orgulho de ter ajudado a construir essa empresa e de fazer parte dessa história de 70 anos!

Níria é um exemplo para as mulheres que já estão na Cemig e também para as que vão chegar, agora por meio de vários programas da empresa voltados para a inclusão e diversidade.

E que venham muitas Nírias!





UMA JOVEM E PROMISSORA CARREIRA

Paulo Augusto Pinto Oliveira
há 1 anos na cemig

O dia três de junho de 2022 foi marcante na trajetória profissional de Paulo Augusto. Naquela data, recebeu um e-mail que iria mudar sua vida. Na hora, foi tomado por certa ansiedade, mas os verdadeiros – e gratificantes – desafios iriam começar exatos dois meses depois, com o início de uma jovem e promissora carreira como engenheiro de Sistema Elétrico Junior da Cemig.

Ele estava com quatro anos de formado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Itajubá e já tinha uma forte influência na família, pois um tio trabalhara 31 anos na empresa.

Naquele dia em que recebi o e-mail, a mensagem de convocação chegou como um convite para um novo capítulo da minha vida: era a comunicação da minha aprovação no concurso público. Uma semana depois, já estava realizando os exames admissionais.

Fiquei ansioso, aguardando os resultados e a definição da área na qual eu deveria trabalhar. Mas tudo se resolveu logo depois.

Dois de agosto de 2022 foi a data de início das minhas atividades, quando já se iniciaram os desafios, pois fui alocado na Diretoria Cemig de Comercialização (DCC), cujo foco de atuação, até aquele momento, era pouco conhecido por mim.

Isso me motivou ainda mais, pois para mim era uma oportunidade única de aprendizado, crescimento e capacitação para um mercado que cresce rapidamente no Brasil.





Poucos meses depois do ingresso, Paulo se viu diante de novo desafio, que também encarou com profissionalismo.

Naquele momento, fui convidado a fazer uma apresentação sobre os processos dos quais participo na gerência, descrevendo a importância das atividades desempenhadas e a forma como o trabalho é realizado.

Foi um fato curioso; depois, tive a certeza do desafio cumprido, pois, com pouco tempo de casa, foi preciso muito estudo e, claro, auxílio dos demais colegas.

A percepção que teve sobre as boas perspectivas de mercado da área onde iria atuar logo se tornaram realidade. Atualmente, ele exerce o cargo de engenheiro de Comercialização de Energia no Atacado, na Gerência de Cálculo e Controle das Operações de Energia.

Paulo tem contato permanente com a Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE) e participa diretamente do faturamento da empresa, área de suma importância para a companhia.

ALEGRIA E SATISFAÇÃO PARA A FAMÍLIA

O ingresso de Paulo na Cemig foi motivo de “grande alegria” para toda sua família, em especial, para seu tio Sérgio Freesz Pinto, ex-empregado que iniciou sua carreira na Cemig em 1980, após a encampação da Cia. Mineira de Eletricidade (CME).

Meu tio já acumulava cinco anos de trabalho pela CME como leiturista quando passou para a Cemig. Das sete décadas comemoradas agora, ele esteve presente em três delas, ao longo de 31 anos.

E foi crescendo gradativamente, passando pelos cargos de analista, gerente de divisão, assistente e gerente de departamento, até alcançar o cargo de diretor de Assuntos Regulatórios e Projetos Especiais – este último já pela Eletrobras, cedido pela Cemig.

Em 2010, após se desligar definitivamente da empresa, o tio atuou como consultor para a Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica (Abradee). Sua trajetória sempre foi uma referência para o sobrinho.

O caso de sucesso na família, a reputação da empresa perante a sociedade e a vontade de fazer parte da história da Companhia me motivaram muito no início das minhas atividades, pois já cheguei com a vontade de seguir o exemplo familiar e buscar grandes conquistas.

CORRESPONSABILIDADE E ÉTICA

Mesmo com pouco tempo de casa, Paulo, hoje com 29 anos, se mostra muito envolvido e satisfeito com o trabalho. Ele acredita muito na atuação com “senso de dono”, diretamente ligada ao princípio da “Integração com Corresponsabilidade”, da Identidade Cultural da empresa.

Busco atuar, individualmente e em conjunto com a equipe, pela otimização das atividades, visando ao melhor resultado para a empresa. Evidentemente, em paralelo, é essencial que nosso cotidiano seja pautado também na ética e na conformidade.

A interação constante com outras gerências, visando uma cooperação mútua é algo presente no meu cotidiano e reforça a valorização da cultura de engajamento e colaboração da empresa em suas diversas áreas.

Agradeço à Cemig pela oportunidade de aprendizado, pela experiência única e pelas grandes amizades que, em pouco tempo, foram se formando, com uma recepção ímpar pela equipe altamente colaborativa da Diretoria em que fui alocado.

E é um orgulho fazer parte dessa equipe que cresce, desenvolve-se e se destaca a cada dia. Que venham mais 70 anos de sucesso, progresso e desenvolvimento!





MESMO ANTES DE NASCER, SEU DESTINO ERA A 'CEGUIG'...

Rafael Carneiro Motta

há 9 anos na Cemig

Rafael começou a trabalhar na Cemig, há cerca de dez anos, em 2013, quando se tornou empregado – “usando o crachá verde, como o pessoal costuma falar”. Ele ingressou por concurso, como engenheiro júnior, na equipe de manutenção de alta tensão. Ainda como estudante universitário, fez estágio na empresa. Contudo, sua relação com a companhia vem de muito antes...

Minha história com a Cemig começou, literalmente, no início da minha existência, ainda antes de nascer. Minha mãe, Maria Lúcia, entrou na empresa em 1977, onde trabalhou por 21 anos. Como a maioria dos profissionais, tinha uma grande ligação com a companhia. Quando ela estava grávida de mim, os colegas de setor falavam:

- Esse aí ainda vai trabalhar na Cemig...

Depois que eu nasci e comecei a tentar falar, eu dizia que minha mãe trabalhava na “CeguiG”... Era assim que eu conseguia pronunciar o nome da empresa...

E os colegas dela diziam também: sim, esse menino, quando crescer, vai para a “CeguiG”...

Os anos foram passando, e o que parecia uma brincadeira com o jovem Rafael dava indícios de que iria se tornar realidade. Ele foi estudar engenharia elétrica e, em 2006, foi selecionado para fazer um estágio na empresa, que ele já chamava de Cemig...

No primeiro dia, os amigos da minha mãe, que se aposentou em 1998, estavam quase todos lá para me receber! Ela trabalhou no RH, a mesma área que preparava o nosso primeiro contato com a empresa. Era como estar em casa, uma vez que já conhecia muitos colegas dela.

Os demais estagiários que também estavam começando não entendiam como eu já era tão familiarizado com o pessoal de lá! O estágio durou um ano, mas, em 2013, eu estava de volta, e dessa vez como empregado.

Muito tempo se passou entre o estágio e o emprego, de modo que aqueles amigos da mãe já estavam aposentados, e Rafael foi recepcionado por uma nova equipe.

Tudo parecia bem diferente, mas, na verdade, eu sentia como se fosse uma passagem de bastão para mim. Muitos anos antes, por exemplo, quando eu ia com minha mãe para Cabo Frio nas férias – a famosa praia que os mineiros adoram –, a gente sempre encontrava muitos colegas de trabalho dela.

Mas naquele dia, quando efetivamente ingressei na empresa, eu logo me encontrei com um conhecido, vindo de Barbacena (MG). Isso foi importante, pois ficou claro para mim que era, então, a minha história que estava começando na Cemig.

OS FOLCLÓRICOS VALES-REFEIÇÃO

Ainda nos primeiros dias de trabalho, Rafael viveu uma situação que o deixou “famoso” entre os colegas, pela qual é lembrado até hoje.

Logo que entrou, foi informado que iria receber vale-refeição, como todos os empregados. Só que o benefício demorou um tempo para ser recebido por ele, que era novo na empresa. Quando finalmente chegou, Rafael viu que o valor acumulado, retroativo à data em que começou a trabalhar, era expressivo.

O que aconteceu depois virou folclore entre os amigos...

Naquela época, lembro-me que fiz uma viagem para visitar minha irmã e levei a cartela com os vales. Como o valor era relativamente alto, fiz algumas compras para ela...

Na volta, almoçando com os colegas, comentei que tinha comprado várias coisas para minha irmã com o dinheiro. Mas não podia imaginar que o caso iria logo ganhar novas versões... e nunca ser esquecido por eles.

Todo mundo falava que eu tinha uns 10 mil ou 20 mil reais guardados... até hoje tem gente que se refere ao meu “vale gordo”... e que se trata de tanto dinheiro que eu ainda guardo parte debaixo do colchão...

PARA A ALEGRIA DA MENINADA

Em 2015, Rafael tornou-se engenheiro pleno e, três anos depois, coordenador de equipe. Em 2022, passou a acumular as coordenações de manutenção de linhas e de manutenção de subestações, onde atua como engenheiro de Expansão.

Um pouco antes, em 2020, durante a pandemia, a mudança generalizada de rotina que afetou todo mundo fez Rafael viver outra situação inusitada, envolvendo outros colegas de trabalho e seus filhos.

Como se sabe, o isolamento social obrigou todos nós a mudarmos a forma de interagir com os outros. E um dos meus amigos, também empregado de Cemig, o Leandro Angeloni, achou uma forma diferente de fazer essa interação com colegas engenheiros e, ao mesmo tempo, entreter nossos filhos.

Ele nos propôs passarmos a jogar videogame online com os amigos da empresa. Para isso, passamos a realizar encontros a distância, com cada um em sua respectiva casa, para as sessões de jogos, juntamente com alguns de nossos filhos.

A maioria das partidas começava sempre da mesma forma descontraída e leve... mas, aos poucos, nós, os pais, começávamos a falar sobre trabalho e a discutir assuntos da Cemig – ou seja, já fora do horário de expediente, mesmo estando em casa...

E, quando nós nos demos conta do que vinha ocorrendo, já estávamos perdendo de muito as partidas dos jogos para os nossos filhos...

Enquanto aqueles meninos, com menos de dez anos, faziam muitos gols em, por exemplo, um jogo de futebol virtual, nós estávamos mesmo era discutindo assuntos como o destino do orçamento de manutenção ou o que deveria ser priorizado para atingir as metas de DEC...

Para a alegria da meninada!!

UM CONSTANTE SENSO DE URGÊNCIA

Em setembro de 2023, Rafael completa dez anos de trabalho na Cemig. Nesse tempo, foram muitas as lições aprendidas, e um dos valores mais significativos para ele está diretamente relacionado ao senso de urgência para atender o cliente.

Desde que entrei na Cemig, trabalho na manutenção da alta tensão da distribuição. Na nossa área, sabemos bem que um problema na alta tensão tem um impacto enorme para os consumidores, pois afeta, ao mesmo tempo, tanto uma grande quantidade de clientes quanto cidades inteiras, que podem ficar sem energia se algo der errado. Dessa forma, evitar o problema ou resolvê-lo o mais rápido possível, quando ele acontecer, faz parte da nossa rotina.





UMA 'AVENTURA' QUE VIROU CASO DE AMOR

Raquel Loures
há 16 anos na Cemig

Raquel estava terminando o curso de graduação quando surgiu a ideia de fazer o concurso da Cemig. Ela foi influenciada pelo pai, João Loures, que atuava na área de TI da empresa, onde gostava muito de trabalhar.

Ele é deficiente visual e quebrou muitas barreiras ao longo da sua carreira. Tudo isso acabou pesando muito na minha decisão de fazer o concurso, pois, desde pequena, a Cemig esteve presente na minha vida.

Ao ser aprovada, foi contratada, em 2006, como a primeira bióloga a exercer a função de analista ictióloga – área da Zoologia especializada em estudos de peixes.

Um mês depois, Raquel foi destacada para uma atividade de campo para ganhar experiência no monitoramento de peixes na Usina de Irapé, no Norte de Minas, inaugurada naquele ano. Era uma ação executada por biólogos contratados, exatamente por falta de especialistas na empresa.

Naquela época, a região da usina ainda era muito isolada e sem infraestrutura. Eu e os dois biólogos do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que já conheciam a região, passamos por Diamantina, depois por Berilo e fomos até um lugarzinho chamado Igicatu, onde ficamos hospedados na casa de uma senhora.

Nossa tarefa era nos deslocar de carro, levando um barco no reboque, nas proximidades do Rio Jequitinhonha, e ir parando em alguns pontos, ao longo do dia, para armar redes em locais predeterminados do leito para coletar amostras de peixes no dia seguinte e levar para análise em BH.

Eu era, literalmente, marinheira de primeira viagem, e tudo parecia mesmo novo para mim. A gente ia passando por algumas casas, o pessoal nos oferecia café, e as crianças ficavam curiosas com nosso trabalho.

Até que chegamos às margens do reservatório da Usina, perto da barragem, e seguimos de barco, no meio da tarde, por cerca de 40 minutos, em direção do ponto pré-determinado para armarmos as redes. Já não havia habitações por perto e nem sombra de sinal de celular...

Resolvermos ir fazendo o trekking do caminho do barco pelo rio no GPS, para facilitar a volta naquela imensidão de água. Chegamos ao ponto por volta de 16 horas e levamos uma hora para preparar todas as redes. A tarde já estava caindo, e veio aquele lusco-fusco de final de dia.

NA VOLTA, O IMPREVISTO...

Quando eles começaram a voltar, ocorreu o imprevisto, muito comum em atividades de campo. A gasolina do barco acabou! Eles descobriram que o motor estava com problemas, gerando escape e consumindo mais combustível do que o previsto. Naquele momento, até a gasolina reserva já tinha sido consumida...

Nós só tínhamos, então, uma opção. Fazer o trajeto de volta “no braço”, usando os dois remos disponíveis, função que ficou a cargo dos rapazes. Eu até tentei ajudar, mas naquela época ainda tinha pouca experiência com barcos.

Na volta, ficou escuro, e eu fiquei com uma lanterna, buscando nos orientar pela margens e seguindo a trilha que, felizmente, tínhamos registrado no GPS. Era noite de lua nova, o que deixava tudo mais escuro ainda. Mantivemos a calma e fomos tentando voltar até o local onde paramos o carro.

Foram duas horas e meia de trajeto, e os dois quase morreram de tanto remar! Fomos chegar por volta das dez da noite na casa da senhora, que estava muito preocupada, mas nos esperando com uma jantinha muito boa. Afinal, estávamos morrendo de fome!

Aquele foi o ‘passeio’ mais longo que fiz em um barco e, como aprendiz de monitoramentos, foram várias as lições registradas, pois no campo sempre podem ocorrer problemas. Ficou tudo anotado, em termos de precauções: checar sempre os equipamentos, não sair sem GPS, fazer o trekking, levar remos reservas e assim por diante.

No dia seguinte, os três saíram bem cedinho e, depois de passarem em uma oficina para reparar o motor, fizeram todo o trajeto de novo, na estrada, no rio e no reservatório para recolher as redes com as amostras de peixes.

UMA HISTÓRIA COM FINAL FELIZ

E aquela ‘aventura’ nunca mais foi esquecida por Raquel. E nem tinha como ser diferente, pelo desfecho e o final feliz. Meses depois, ela voltou à UFMG, de comum acordo com seu gerente na Cemig, para fazer uma disciplina isolada de ictiologia, que não fazia parte das matérias obrigatórias do seu curso.

Foi quando eu comecei a namorar, em junho de 2007, com o Francisco... que era um dos dois biólogos que fizeram parte daquela minha primeira experiência de campo!

Ele fazia mestrado na universidade e trabalhava no laboratório de ictiologia quando eu voltei. Hoje, somos casados e pais do André, um lindo menino de quase três anos!

NOVAS RESPONSABILIDADES

Ao longo dos anos, Raquel foi assumindo novas atribuições e responsabilidades na Cemig, como o Programa Peixe Vivo, do qual passou a fazer parte desde sua criação, em 2007. Cinco anos depois, assumiu sua coordenação.

Entre 2009 e 2019, tive a oportunidade de fazer mestrado e doutorado com projetos ligados ao Peixe Vivo no curso de pós-graduação em Ecologia Aplicada da Universidade Federal de Lavras (UFLA). E meu marido continuou ao meu lado, também cursando o doutorado na mesma faculdade.

Já como analista ambiental, ela passou a coordenar, a partir de 2019, os programas da área como um todo, e não só os que tinham foco em peixes. Assumiu novos desafios ligados à qualidade da água, da flora e da fauna terrestres e de programas sociais relacionados aos licenciamentos de empreendimentos de geração e transmissão.

Em 2022, o Peixe Vivo completou 15 anos. Ouso dizer que, atualmente, ele é referência nacional no setor elétrico em ações de mitigação de morte de peixes, também com reconhecimento internacional.

BUSCA PELOS MELHORES RESULTADOS

Raquel avalia que sua atuação profissional está alinhada a diversos aspectos da identidade cultural da Cemig, mas ela destaca o compromisso e o interesse em ir sempre além no desempenho esperado em suas atividades.

Para ela, o objetivo deve ser sempre trazer os melhores resultados para que a empresa se mantenha como referência em proteção ambiental.

Também desenvolvi, juntamente com a equipe, um trabalho visando à redução de riscos ambientais e uma atuação preventiva de impactos. Queremos cumprir metas desafiadoras, que continuem a nos levar, como vem ocorrendo, a várias premiações e a um grande reconhecimento na área. Somos, hoje, benchmarking na proteção da ictiofauna.

Os resultados de minhas atividades contribuem para a sustentabilidade ambiental da empresa que, em 2022, completou 23 anos no índice Dow Jones de Sustainability, sendo a única representante do setor elétrico da América Latina.





ENTENDO DE SISTEMA ELÉTRICO DESDE A BARRIGA DA MINHA MÃE

Ronaldo Assis Carvalho

há 37 anos na Cemig

Ronaldo era apenas uma criança do interior de Minas e, como muitos meninos da sua idade, adorava acompanhar o pai em suas atividades de trabalho. Especialmente se a missão se transformasse em aventuras inesquecíveis.

O caso que se segue vai muito além das lembranças de infância de um menino, pois, décadas mais tarde, aqueles acontecimentos o ajudariam a compreender a importância, para a comunidade, da empresa na qual seu pai trabalhava. E também seriam marcantes para explicar o valor que ele, o filho, aprendeu a dar à mesma companhia, da qual também se tornaria empregado. Hoje, Ronaldo já tem 37 anos de Cemig.

Era um tempo muito antigo, no início da década de 1970, quando eu tinha meus 12 ou 13 anos e morava em Salto Grande, onde meu pai ajudara a construir a usina. Era uma cidade muito isolada à época, que ficava longe de tudo...

Uma das poucas diversões da cidade era assistir à novela pela TV. Ninguém queria perder um capítulo. Mas era muito comum ocorrer algum problema de transmissão na estação repetidora de sinal de TV e rádio. Quando isso ocorria, muitas vezes já de noite, meu pai, empregado da Cemig, era logo acionado para ir resolver tudo, lá no alto do morro.

“Seu” Walter, muito preocupado com os transtornos para os moradores, chamava o filho Ronaldo para irem juntos, estrada acima...

Minha primeira função era ir abrindo as porteiças, sob a luz dos faróis do carro, para ele passar. Ia fazendo isso até chegar no alto. Eu, então, me transformava em uma espécie de “assistente” de eletricista...



Depois que ele localizava o problema, dizia: segura aqui esses componentes, para eu poder soldar. Serviço concluído, a gente descia de volta e ia direto checar se os aparelhos de TV estavam funcionando...

Ao certificar que tudo tinha dar certo, nós, “os técnicos”, assim como todo mundo, ficávamos na maior satisfação... mas acontecia, às vezes, de a gente não conseguir consertar, principalmente quando queimava algum componente e tinha de fazer o pedido, o que demorava dias, para desespero de todos...

Ou seja, desde menino, eu fui tendo a noção da nossa missão e da importância do dever cumprido.

‘NO TERREIRO DA USINA EU ME CRIEI’

O convívio do menino com o universo da Cemig, no entanto, já tinha começado mesmo antes daquela época em que acompanhava o pai. Na verdade, o pai Walter e o tio Azir foram as grandes referências profissionais de Ronaldo, pois já eram moradores da região quando se iniciaram as obras da Usina de Salto Grande.

Eles foram contratados para trabalhar na construção e, depois, efetivados na operação e na manutenção da unidade. Com o tempo, meu pai se tornou encarregado da Usina, em função dos conhecimentos que tinha e da liderança que passou a ter com a equipe.

Anos mais tarde, ele foi transferido para Belo Horizonte, e meu tio seguiu uma carreira também bem-sucedida em usinas da Cemig da região do Triângulo Mineiro.

Com toda essa bagagem e a vivência acumulada, o destino de Ronaldo estava mesmo traçado: em 1985, ele entrou para a companhia, aos 23 anos. Desenvolveu também uma longa carreira e hoje, aos 60, atua como supervisor de manutenção em Governador Valadares.

Eu costumo brincar com meus colegas de trabalho dizendo que sou um dos empregados mais antigos da Cemig, com 60 anos de casa, ou seja, quase a

mesma idade da empresa...

Afinal, eu praticamente nasci em usina e tenho família que sempre trabalhou nela. Ou seja, entendo de sistema elétrico desde a barriga da minha mãe!! (risos) Sou fã do cantor Zé Ramalho, e gosto também de citar um verso da canção Avohai:

“E no terreiro da usina eu me criei”...

RESPEITO PELOS EMPREGADOS

Ele chega ao final da carreira, como disse, muito orgulhoso de toda a sua trajetória. Para Ronaldo, um dos maiores valores que leva da empresa é o respeito que ela tem pelos seus profissionais. “Além disso, a Cemig também deve ser reconhecida, ao chegar aos seus 70 anos de existência, pelas oportunidades que oferece aos seus empregados. Por tudo isso, tenho um agradecimento enorme à companhia, na qual fiz minha carreira e pela qual pude formar meus filhos”, completa.





DE APRENDIZ A LIDERANÇA

Sérgio Costa Fagundes

há 36 anos na Cemig

Aos 17 anos, o jovem Sérgio Costa Fagundes ingressou na Cemig como aprendiz, por meio de concurso, ainda na década de 1980. Passou alguns meses se preparando para atuar como operador de subestações (SE) e usinas, como realmente veio a ocorrer ao longo dos anos.

Ele relembra dois casos pitorescos aconteceram em momentos distintos da carreira. Um deles ainda no seu primeiro dia de trabalho, e o outro se passou anos depois, em plena madrugada, nos corredores da Usina de Gafanhoto.

'VIM BUSCAR O TÍQUETE'

Pois é, a gente entra muito “barriga verde” e, no começo, pode passar vexame, como ocorreu comigo. No primeiro dia de aula em Sete Lagoas, fui recebido por uns colegas de Divinópolis que já estavam lá. E um deles me disse:

- Saia da sala um pouco antes de terminar a aula, fala que precisa ir ao banheiro e vai logo buscar o tíquete de refeição com o diretor, na sala dele, para não perder o horário do almoço.

E foi o que fiz, já sabendo que o diretor era muito bravo, mas tinha de ser assim mesmo para tratar com aqueles 500 adolescentes fazendo os cursos. Pois eu cheguei lá, bati na porta. Quando me viu, ele foi logo dizendo:

- O que foi “senai”? O que precisa.

- Estou chegando hoje e vim buscar o tíquete do almoço...

Bastou eu falar isso, para ouvi-lo dizer:

- Ô “senai” bobo! Você também caiu nessa? Já é o quinto novato que chega aqui hoje procurando o tíquete e cai nesse trote! Não precisa de nada disso para almoçar aqui!!

O FANTASMA DA USINA

A Usina de Gafanhoto é uma construção muito antiga, inaugurada na década de 1940. Ela tem paredes muito grossas de concreto que lembram os antigos castelos que nos remetem a filmes de terror...

E era um pouco com essa sensação que eu ia fazer os plantões da noite na unidade. Ao longo da madrugada, como sempre ocorria, eu tinha de descer de tempos em tempos lá embaixo, nas galerias, para fazer a leitura de temperatura do mancal por causa dos geradores.

Naquela noite, quando estava lá, bati os olhos em um corredor e vi o vulto de uma pessoa! Muito assustado, saí como um louco, catando cavaco escada acima, pois achava que apenas eu e o outro operador estávamos no local...

Lá em cima, falei com o colega o que tinha visto, mas ele também achou que não era possível. Fomos então, juntos, conferir. Quando entramos devagar no corredor, vimos “quem” estava ali a nos assustar.

Alguém tinha deixado, pendurado em um extintor de incêndio, uma capa grossa de chuva, com um capacete por cima, formando na penumbra o perfil de uma pessoa encostada na parede, como se estivesse a nos esperar!!!

E não é que essa história, por muito tempo, virou motivo de piada comigo? Sempre encontrava um colega perguntando se eu já tinha visto o fantasma naquela noite...

‘ESSA EMPRESA DEVE SER GIGANTE’

Sérgio começou a ouvir falar da Cemig quando era ainda menino, volta dos 14 anos, e encontrava dois primos, que estavam com uns 19 e 21 anos, nas reuniões de família.

Eles falavam sempre da empresa onde trabalhavam, dona da Usina de Gafanhoto, aqui em Divinópolis. E eu via os carros e ônibus dela passando pela cidade, indo ou vindo da Usina para Belo Horizonte.

Ficava com muita curiosidade sobre como seria trabalhar lá.

Foi também quando fiquei sabendo que ela era responsável por todo o fornecimento de energia, não só da nossa cidade, mas de todo o estado. E pensei:

-Caramba, essa empresa deve ser gigante, pois faz uma coisa muito importante...

Ao ser contratado, após se formar na ‘escolinha’, Sérgio foi trabalhar na SE de Pimenta, onde ficou por dois anos e aprendeu muito sobre sistemas elétricos. Depois, foi operar a Usina de Gafanhoto, voltando para sua cidade natal, onde atuou na gerência de obras e na área de acompanhamento e controle.

Aos poucos, o rapaz foi se tornando adulto e tendo, cada vez mais, a noção sobre aquela empresa que achava mesmo ser “gigante” em meados dos anos 1990.

Mas foi quando passei para a área de planejamento do sistema elétrico que pude – aí, sim! – realmente despertar para essa “grandeza”. Fui trabalhar com a expansão do sistema elétrico de todo o estado e saí de vez do meu mundinho de subestação.

Com o passar dos anos, Sérgio foi fazendo boas amizades com os colegas de trabalho, e hoje não poupa elogios ao ambiente saudável e descontraído. E não foram poucas as amizades cultivadas por onde passava, assim como as boas histórias a serem lembradas.



Depois de mais de três décadas de trabalho na Cemig, indagado sobre um dos principais valores da empresa, ele não tem dúvida em afirmar: a diversidade das pessoas que trabalham nela, o que pode ser demonstrado por meio das diferentes culturas, sotaques e costumes dos empregados. Para ele, essa pluralidade reforça as crenças e os princípios da Cemig.

UM SALTO NA CARREIRA

Depois de passar por vários setores, Sérgio foi então convidado, em 2017, a assumir o cargo de supervisor de equipe no Posto de Manutenção e Operação (PMO), sua função atual, o que representou um grande salto em sua carreira.

Ele confessa que ficou assustado ao receber o convite e não sabia se daria conta, pois “tudo parecia ser muito novo, e eu passaria a liderar uma equipe de 20 pessoas”.

Seu gerente à época o tranquilizou, dizendo que fora escolhido pelo seu perfil, pelo seu jeito de ser e, principalmente, pela forma com que tratava os colegas. Sérgio decidiu, então, encarar o desafio. A partir daquele momento, ampliou ainda mais sua visão sobre a empresa e passou a ter maior consciência de tudo o que ela representa para seus empregados.

E não é que eu realmente descobri, depois de tantos anos de casa e tanta experiência adquirida como técnico, que eu tinha realmente uma habilidade maior, que é esse trato com as pessoas e a capacidade de liderar?

No começo da carreira, eu ficava pensando: mas qual seria mesmo minha vocação? Agora, não tenho dúvidas de que, ao me aposentar e me desligar da Cemig, vou procurar exercer atividades voltadas para o relacionamento com as pessoas.

VALORES E APRENDIZADOS

Com essa certeza, Sérgio não apenas coroa seus 36 anos de Cemig, como também abre novas perspectivas em sua trajetória de vida e trabalho. E não tem dúvidas em afirmar que levará consigo, ao enfrentar novos desafios, os valores que a empresa lhe ensinou e que passam a fazer parte dos legados que serão deixados por ela.

A Cemig proporcionou a ele, também, outros aprendizados que o levam a realizar um trabalho ágil, produtivo e seguro, caracterizado também pelo otimismo, pela criatividade, pela resiliência e, principalmente, pelo engajamento.

Podemos dizer que nossa identidade surge no trabalho quando as pessoas são o foco e estão unidas num mesmo propósito, dentro de um ambiente de extrema transparência e sinceridade. E, ao mesmo tempo, estimulando umas às outras, valorizando as diferenças e reconhecendo as entregas.

Por tudo isso, hoje me sinto muito consciente de quem sou nesse processo, quais as minhas responsabilidades e possibilidades de ir além, de fazer diferente para gerar um crescimento pessoal ainda maior, assim como de minha equipe e, por consequência, dessa gigante chamada Cemig.





AGORA, É A MINHA VEZ!

Verônica Cristina de Souza Silva
há 3 anos na Cemig

Verônica entrou para a Cemig no final da década de 2010, em 2019. Ela faz parte das mais jovens gerações de profissionais da empresa e, aos 30 anos, já é considerada internamente ‘uma excelente profissional’. Além da boa formação técnica e acadêmica, ela carrega consigo um outro diferencial que, certamente, muito contribui para o seu desempenho: a experiência de outras gerações.

Meu pai, Luiz Cláudio da Silva, hoje aposentado, trabalhou na empresa por 35 anos e atuou com instrutor na “escolinha” (atual Univercemig), em Sete Lagoas, onde moravam. Por todos esses anos, ele foi um dos responsáveis pela formação de um incontável número de profissionais da empresa – muitos deles colegas de trabalho de Verônica atualmente.

Eu comecei a ‘carreira’, vamos dizer assim, ainda menina, como espécie de auxiliar do meu pai. Quando ele fez as instalações elétricas da nossa casa, por exemplo, eu já ficava ajudando-o a passar os cabos. E nessa época, eu já ‘frequentava’ o trabalho dele, pois ia para lá e ficava brincando e observando os equipamentos.

Mais tarde, já cursando o ensino médio, ia buscar meu pai e, depois do serviço, ele montava para mim alguns circuitos simples, usando aqueles amperímetros e voltímetros analógicos das bancadas.

E eu ia ficando muito interessada em tudo aquilo. Em casa, ele colocou um quadro de sala de aula em meu quarto e explicava as matérias de física e eletricidade da escola.

Depois de formada no ensino médio, fui fazer um curso de dois anos de



eletrotécnica e também estudei Instalações Elétricas no Senai, por sugestão dos meus pais, para ter certeza se queria mesmo atuar na área.

E não deu outra. Passei no vestibular e fui estudar Engenharia Elétrica na Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Na época, continuei tendo aulas a distância com meu pai.

A gente ficava horas em chamadas de vídeo. Ou seja, eu tinha um instrutor 24 horas por dia em casa e ele foi, realmente, meu professor particular por muitos e muitos anos.

Quando estava na faculdade, fizemos uma visita à Cemig e, quando cheguei lá, eu falei para mim mesma: tenho certeza de que aqui é onde quero trabalhar!

NOVOS CONHECIMENTOS E VISÃO AMPLA

Aprovada no processo de seleção, Verônica foi contratada como técnica. Está na empresa há três anos e atua como operadora na Sala de Controle do Centro de Operações do Sistema (COS), em Belo Horizonte.

A função possibilita a ela adquirir sempre novos conhecimentos e ter uma ampla visão sobre o sistema de geração e transmissão de energia em todo o estado, assim como das usinas eólicas da empresa instaladas no Ceará.

Ela está, formalmente, em seu primeiro emprego, e sente que a empresa pode lhe oferecer uma gama de oportunidades. Atualmente, já pode constatar, na prática, muito daquilo que seu pai dizia a ela desde a infância: a razão de a Cemig ser considerada uma grande referência como uma das maiores concessionárias de energia do país.

Verônica trabalha em tempo real na equipe da Sala, no esquema de 24 horas e sete dias por semana. O pouco tempo de casa a incentiva a ir em frente, encarando novos desafios, como fez seu pai quando entrou para empresa.

Otimista e confiante, ela diz:

- Agora, é a minha vez!!

O VALOR DAS AMIZADES

“Eu tenho aprendido, no dia a dia, a valorizar uma das coisas mais importantes para todos nós na empresa – o trabalho em equipe. Isso me levou, muito rapidamente, a fazer um ótimo círculo de amizades.

No meu caso, particularmente, tem sido muito bom, pois estou sendo muito bem acolhida por todos. Grande parte da equipe foi aluna do meu pai ou trabalhou com ele, de modo que é um privilégio estar com eles. Alguns têm, de experiência, os anos que tenho de vida...

Desde que entrei, todos são muito gentis, atenciosos e dispostos a me auxiliar. E aqui, na Sala de Controle, não dá para abrir mão do trabalho em equipe.

Sinto também que o legado do meu pai está sempre presente. Os amigos daqui e mesmo o pessoal das usinas me mandam fotos com cenas antigas de treinamentos, e estou sempre tendo bons feedbacks sobre a trajetória dele...

Assim, não tem como a gente não se sentir em casa...!!

ADMIRAÇÃO, RESPEITO E GRATIDÃO PELA CEMIG

Apesar do pouco tempo de empresa, Verônica já tem a certeza de que a Cemig é uma empresa muito agradável e promissora de se trabalhar, levando em conta também tudo que o pai lhe passou durante os anos.

Meu pai era também muito dedicado ao trabalho. Além de compartilhar comigo seus conhecimentos, passava todo o sentimento de admiração, respeito e gratidão pela Cemig. Isso sempre foi muito marcante para mim. Hoje, tenho a convicção de que estou no lugar certo. A cada dia, descubro novos valores da empresa e das boas relações com os colegas.





UM PEDIDO ATÍPICO E INUSITADO

Walter de Assis Costa

há 34 anos na Cemig

Walter ingressou na Cemig como leiturista em 1988 e, de lá para cá, passou por diversas funções, sempre tendo muito contato com o público. Hoje, com quase 35 anos de trabalho na empresa, já viveu diversas histórias que marcaram a carreira.

Eu realmente tive a oportunidade de ajudar diversos clientes - desde os mais humildes até pessoas de grandes empresas, passando também por autoridades públicas. No entanto, teve uma história, especialmente, que nunca esqueci.

Estava trabalhando diretamente com clientes do Poder Público e, durante uma reunião com o prefeito de um determinado município, ele me fez um pedido bastante atípico e muito inusitado em relação às nossas rotinas normais.

Ele me falou sobre um senhor bem idoso, que morava numa comunidade rural do município e que, toda semana, ia ao seu gabinete com uma grande preocupação e uma reclamação contra os vizinhos.

Segundo ele, todos comentavam que a Cemig iria fazer a retirada do poste que levava a luz até o seu imóvel. E pedia, então, para o prefeito interceder “junto à diretoria da empresa” para não deixar que isso ocorresse.

Na verdade, como o prefeito explicou, aquele senhor, devido à idade, estava com certa confusão mental, e os vizinhos não estavam falando nada daquilo. Ele então perguntou a Walter se seria possível conversar com o senhor e garantir que o poste não seria retirado.





Normalmente, era mesmo comum recebermos pedidos de prefeitos sobre diversas situações, mas nunca ouvira algo daquela natureza. Prontamente respondi que sim, e fomos até a casa do cliente para explicar tudo. Logo que encontramos o senhor, já fiquei receoso de ele reconhecer o carro da Cemig e pensar que eu estava lá para retirar o poste!

O prefeito me apresentou a ele, informando que eu “era o diretor da empresa” e que estava ali para esclarecer a situação. Fui, então, explicando, com muita calma, que os comentários dos vizinhos não eram verdadeiros e que o poste não seria retirado.

Walter falou também que, caso eles insistissem no assunto, poderia dizer que o diretor da Cemig fora na sua casa para dizer que nada iria acontecer. E tudo não passava de boatos ou mentiras.

Ele ainda me questionou se eu era realmente o diretor. Diante da minha afirmativa e da garantia de que estava ali a pedido do prefeito, ele se sentiu, por fim, aliviado; começou a sorrir e me agradeceu muito.

Posteriormente, o prefeito me ligou para informar que o senhor nunca mais voltou ao seu gabinete para falar daquele assunto... e disse que também estava imensamente agradecido!

Em 1995, Walter deixou de ser leiturista e passou a atuar como atendente de agência. Três anos depois, tornou-se coordenador de localidade especial e, posteriormente, técnico de equipe. A partir de 2005, passou a atuar como agente de Relacionamento, sua atual função.

APRENDIZADOS E VALORES

Após três décadas e meia de trabalho, ele enumera alguns dos principais aprendizados que vem adquirindo na Cemig ao longo do tempo, assim como os valores da empresa.

Aprendi, com o passar dos anos, que o cliente tem demandas simples – nada de coisas mirabolantes. Ele quer, por exemplo, ser respeitado, ser bem atendido e que seu pedido seja resolvido no prazo certo.

Nesse sentido, nosso foco tem mesmo de ser o consumidor, independente de qual área ou etapa do processo o empregado atua. Precisamos pensar que o resultado de nosso trabalho deve ser, sempre, o bom atendimento.

Para garantir o bom cumprimento desse desafio, destaca ele, a empresa deve ter um time integrado, de alta performance, com pessoas bem qualificadas e engajadas na superação dos obstáculos.

Da minha parte, tenho procurado dar a parcela de contribuição para a transformação do atendimento aos nossos clientes, visando ir além do esperado. E não podemos abrir mão, também, do grande espírito colaborativo que temos na empresa. Somos parte de um time e, em toda a minha carreira, procurei ajudar ao máximo a equipe.

Como passamos mais tempo no trabalho do que em nossas casas, o clima organizacional deve ser tranquilo e motivador. Afinal, o sucesso da equipe depende do compromisso de cada um.





EPÍLOGO

GENTE QUE ENTRA PARA A NOSSA HISTÓRIA

No início deste livro, foi dito que ele continha histórias “anônimas e desconhecidas” vividas por todos nós na relação com nossos clientes e comunidades, ocorridas ao longo dos 70 anos de existência da Cemig.

Graças às reminiscências e aos aprendizados de vinte empregados da empresa, esses relatos de experiências, recordações de fatos e narrativas de casos pitorescos não são mais anônimos e nem desconhecidos.

Ao final da leitura, já se sabe dos detalhes de muitas histórias, como o presente de aniversário do Zé do Bode; o bolo feito com carinho pela engenheira confeitadeira; o pedido inusitado de um velhinho do interior; a aventura em um barco que se tornou um caso de amor...

Ou a receptividade carinhosa de moradores na abertura de estrada; o fantasma da madrugada na usina; a quase ida para a Bolsa de Nova Iorque em pleno 11 de setembro; os meninos que queriam crescer e ser patrulheiros elétricos... entre tantos outros relatos. E o leitor pôde descobrir que essas histórias não aconteceram por acaso. Elas fazem parte do contexto de vida e trabalho desses empregados, assim como de seus colegas, familiares, amigos, vizinhos e milhares de clientes e consumidores.

São relatos que revelam muitos aprendizados ao longo de carreiras profissionais e de convívio de todos no dia a dia da empresa, permeados pelos valores e pilares que formam a nossa identidade cultural. Falamos aqui sobre o cuidado com o cliente e o senso de urgência para servi-lo, sobre responsabilidade e ética nas nossas ações e nas nossas relações, sobre o protagonismo dos times e o compromisso com resultados, sobre a integração que une nossos processos e também sobre a valorização e o respeito às nossas pessoas.

Por tudo isso, e em nome dos seus cerca de cinco mil empregados, a Cemig faz aqui um agradecimento especial a todos que contaram suas histórias:

- aos Aguinaldos (pai e filho),
- ao Daniel,
- à Danuza,
- ao Edilson,
- à Jenaína,
- à Juliana,
- ao Leonardo,
- ao Luiz,
- ao Marcelo,
- ao Márcio,
- ao Mário,
- à Níria,
- ao Paulo,
- ao Rafael,
- à Raquel,
- ao Ronaldo,
- ao Sérgio,
- à Verônica e
- ao Walter.

Vocês são autores dessa história e, assim como cada um dos nossos colegas, transformam vidas por onde passam!

Um agradecimento especial também aos colaboradores que compartilharam conosco nos últimos meses registros especiais da sua rotina de trabalho. Receber o clique do dia de vocês, como essas fotos que estão registradas nesse livro, nos aproxima da gigante que é a nossa empresa.

CEMIG 70
A NOIS